

Entre a vida e a morte: David Webster (1945-1989), ativismo e antropologia na África Austral

JOÃO DE REGINA CASSALHO

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Departamento de Antropologia, Campinas – São Paulo, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-3116-5751>
dereginaj@gmail.com

SARA MORAIS

Universidade de Brasília (UnB), Departamento de Antropologia, Brasília – Distrito Federal, Brasil
<https://orcid.org/0000-0003-1490-1232>
sara.morais@unb.br

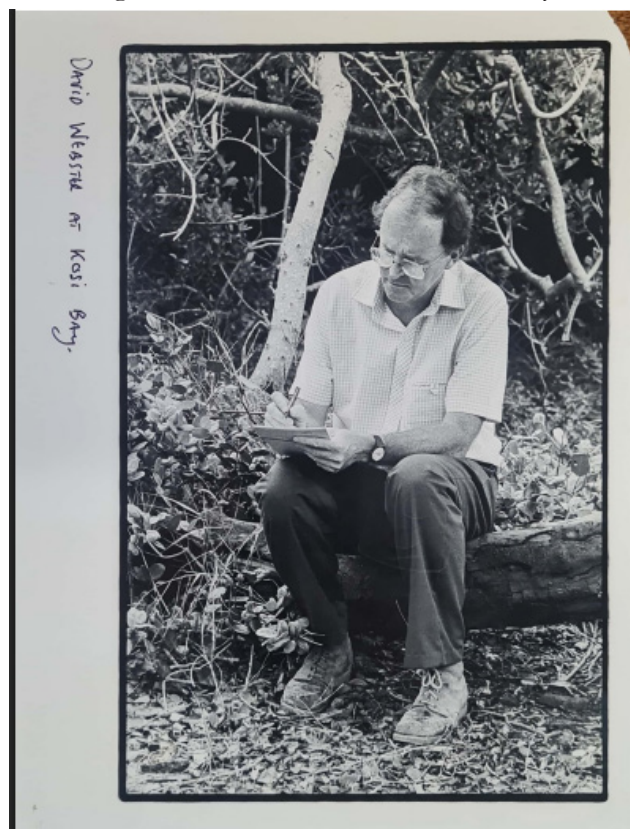
Introdução

Este artigo trata de aspectos da trajetória de atuação e da produção intelectual de David Joseph Webster (1945-1989), marcadas simultaneamente por uma promissora carreira acadêmica, pelo ativismo político e uma trágica morte¹, como um ponto de referência para se discutir relações e problemáticas que dizem respeito aos desafios enfrentados por antropólogos, e pela própria disciplina, no contexto historicamente marcado pela violência política e racial do apartheid sul africano. Tomando o caso de Webster como de uma trajetória liminar entre oposições como cânones e marginalidade, crítica e filiação a tradições antropológicas, radicalidade e inserção na rede de privilégios que os brancos se beneficiavam na África do Sul, sugerimos a importância de pesquisas biográficas como a relatada

¹ Webster foi assassinado no dia 1 de maio 1989 por forças paramilitares do regime do apartheid. Ferdi Barnard, integrante *Civil Cooperation Bureau* (CCB), uma unidade paramilitar clandestina vinculada às forças armadas sul-africanas (*South African Defence Force* – SADF), foi condenado como executor do crime em 1997. No entanto ainda não há plena clareza sobre os motivos exatos que levaram à execução do professor de antropologia da Universidade de Witwatersrand, tampouco os efetivos mandantes. O jornalista Jacques Pauw (2017) destacou que a investigação de sua morte foi crucial para revelar as atividades do CCB. Essa organização secreta, descrita como um esquadrão da morte operando dentro das forças armadas sul-africanas, contava com uma rede de agentes envolvidos em ações violentas, como emboscadas, atentados a bomba e envenenamentos, que se estendiam por toda a África Austral.

neste artigo, considerando seu potencial para enriquecer a historiografia da antropologia, questionar narrativas consolidadas sobre a disciplina e destacar trajetórias aparentemente menores, mas que são elucidativas sobre as práticas concretas de se fazer antropologia.

Figura 1: David Webster em Kosi Bay.



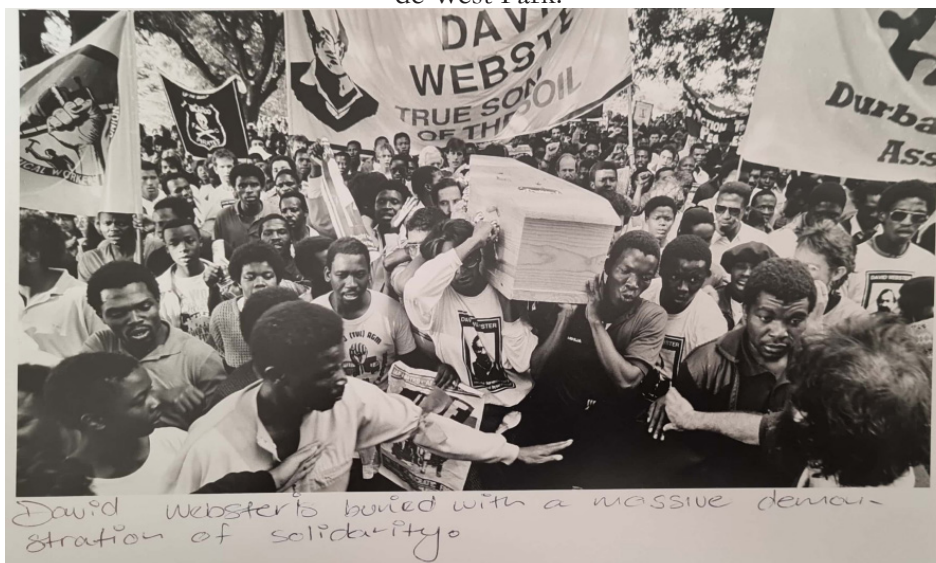
Fonte: Nun, Cedric. The Julie Frederikse Collection. The South African History Archive (SAHA). Johannesburg

A trajetória de David Webster inscreve-se no contexto de um regime de dominação racial que excedia a mera segregação jurídica. O apartheid pode ser compreendido como um regime de governo bifurcado (Mamdani, 1996), que combinava, nos espaços urbanos, um sistema racializado de cidadania seletiva e, nas zonas rurais, formas de governo indireto baseadas na autoridade “tradicional” e na coerção. A brutalidade do regime se expressava não apenas na repressão aberta, mas na produção cotidiana de sujeitos políticos desiguais e na restrição das formas de organização coletiva. A separação entre *hostels* e *townships* materializava a oposição entre “tradição” e “modernidade”, favorecendo a emergência das *townships* como espaços centrais da resistência urbana passando “a fomentar núcleos políticos a partir de organizações civis atuantes dentro das townships” (Rosa, 2009, p.74). Nesse contexto se inscreve a atuação de intelectuais que, embora oriundos de setores social e racialmente privilegiados, buscaram se engajar na luta contra o apartheid, vinculando-se a organizações, pautas e redes políticas de oposição ao regime, frequentemente compreendendo sua intervenção como um uso das posições institucionais e dos recursos aos quais tinham acesso. Esse engajamento, longe de resolver as assimetrias que atravessavam suas trajetórias, expôs dilemas

éticos e políticos que atravessaram diretamente a prática disciplinar da antropologia, frequentemente percebida como insuficiente diante das exigências impostas pela luta contra o apartheid.

David Webster se encontra entre a constelação de nomes de ativistas, por vezes considerado mártires, que marcam os processos de memorialização do apartheid, e da luta contra ele, na África do Sul. Seu funeral, realizado na St. Mary's Cathedral e sucedido por um cortejo com 10000 pessoas (Schiller, 1989, p. A2), que percorreu as ruas de Joanesburgo, foi um dos eventos que demonstravam uma mudança importante na conjuntura sul africana. Àquela altura, o governo de Pieter Willem Botha enfrentava uma combinação explosiva: quatro anos de estado de emergência², uma escalada de repressão às organizações de massas e uma crescente onda de revoltas. A campanha de assassinatos de líderes políticos atingia seu auge, tentando conter o ascenso popular que combinava insurgência negra, um potente e renovado movimento sindical, auto-organização comunitária nas townships, solidariedade ativa de inúmeras organizações profissionais, além da crescente influência de partidos colocados na ilegalidade como o ANC e o PAC e de uma intensa atividade clandestina que envolvia guerrilha nas zonas rurais e redes de suporte na sociedade civil. Eventos como o funeral de Webster escancaravam os limites do regime: não era mais possível sustentar a repressão sem que isso alimentasse ainda mais as mobilizações populares (Spiegel; Kadalie, 1989).

Figura 2: Cortejo que levava o corpo de David Webster da St. Mary's Cathedral até o Cemitério de West Park.



Fonte: David Webster Paper. Historical Papers Research Archive, William Cullen Library. University of Witwatersrand. Joanesburgo.

O nome de Webster se faz presente na África do Sul através de atividades mnemônicas que relembram os brutais anos do regime historicamente marcado pela violência política e racial. Em 1992, a Wits University homenageou a trajetória do professor de seu *staff*, renomeando um complexo residencial estudantil como “David Webster Hall”. Na casa onde viveu com Maggie Friedman, um memorial marca o local exato de seu assassinato, com uma pedra laranja no jardim frontal. Anos depois, em 2009,

² Em 20 de julho de 1985, o governo de Pieter Willem Botha decretou estado de emergência em 36 distritos. A medida foi estendida em 12 de junho de 1986 para todo o país. Em 1987, o estado de emergência foi renovado por mais dois anos, com repressão intensificada e a medida só foi revogada em 1990, quando FW de Klerk era presidente do país.

a administração municipal de Joanesburgo rebatizou o antigo “Bloemenhof Park”, em Troyeville, como “David Webster Park”. Nesse parque, um comitê formado por amigos e familiares trabalhou ao lado da administração local para decidir como melhor perpetuar sua memória. O artista Jacob Ramaboy criou um memorial no centro do parque, cuja inauguração contou com a presença de Johnny Clegg (1953 – 2019), amigo de Webster, também formado em antropologia na Wits University, e ícone da música sul-africana (Cf, Buntman, 2013).

Assim, na África do Sul, Webster é mais conhecido como ativista do que como antropólogo. E, de fato, a integração dessas duas atividades foi complexa, e em certo sentido dramática, durante a vida de Webster, a ponto da antropóloga Deborah James o descrevê-lo como alguém dividido “entre a dedicação à sua profissão de antropólogo e o empenho na luta contra um regime ilegítimo e brutal” (2009, p. 429). Como veremos nesse artigo, tal dualidade era expressiva de tensões e dilemas presentes não só na trajetória individual de Webster, mas também no próprio campo disciplinar da antropologia sul africana. David Hammond-Tooke³, orientador de David Webster, leu o ativismo político de seu orientando como uma subtração da antropologia sul-africana:

Os campos de força da situação sul-africana que desviaram David Webster da antropologia acadêmica à antropologia da ação sem dúvida deixaram a antropologia sul-africana mais pobre. No entanto, não há dúvida de que a maneira como ele escolheu levar sua vida foi exclusivamente dele e deixou uma marca indelével na vida de muitos. (Hammond-Tooke, 1989, p. 84)

Essa percepção é debutaria do fato de Webster ter recusado em vida publicar sua tese de doutorado (Hammond-Tooke, 1997, p. 98) sobre os chopes, intitulada *Agnation, Alternative Structure and the individual in Chopi Society*, defendida em 1976 na Rhodes University. Para Hammond-Tooke, a etnografia de Webster configurava um dos melhores estudos sobre parentesco na África Austral e fazia parte do que chamava de grande tradição de monografias antropológicas sul africanas. Nesse caso, é perceptível uma compreensão sobre a trajetória de David Webster como uma “promessa não cumprida”.

A pesquisa de doutorado de Webster sobre a organização social, o parentesco e a vicinalidade dos chopes, receberá uma publicação póstuma no ano de 2009 em língua portuguesa, editada por João de Pina-Cabral, que foi aluno de David Webster no Departamento de Antropologia da Universidade de Witwatersrand, com o título *A Sociedade Chope: Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique (1969-1976)*. Certamente, é a partir dessa publicação que perguntas às quais esse artigo se debruça podem ser feitas. Como articular a dimensão de uma pesquisa antropológica em certa medida “ressurgida” após uma trajetória política que ofuscou Webster como antropólogo? É possível desafiar a categorização binária entre antropologia acadêmica e ativismo político? O que a articulação entre trajetória política e produção acadêmica de Webster sugerem sobre a história da disciplina e sobre a atuação dos antro-

3 David Hammond-Tooke (1934–2004) ocupa uma posição importante na história da antropologia sul-africana, não apenas por sua atuação na Universidade de Witwatersrand, mas também por ser amplamente reconhecido como um elo entre clássicos da antropologia sul-africana, como Winifred Hoernlé (1885–1960), Monica Wilson (1908–1982), Isaac Schapera (1905–2003), Hilda Kuper (1911–1992), Jack Krige (1917–1985) e Max Gluckman (1911–1975), e uma nova geração de estudiosos. Hammond-Tooke também oferece uma interpretação histórica da antropologia sul-africana em sua obra *Imperfect Interpreters: South Africa's Anthropologists 1920-1990* (1997).

pólogos durante o apartheid? E, o que essa pesquisa, por muito tempo pouquíssimo lida, diz sobre pesquisas recentes em Moçambique?

Figura 3: Localização aproximada dos regulados na terra dos chopes feito por David Webster.



Fonte: Webster, 1976/2009, p. 35.

Após esta introdução que busca apresentar aspectos da atuação política e acadêmicas de David Webster e para enunciar nossos objetivos, este artigo realiza uma breve discussão sobre biografias de antropólogos e antropólogas na África do Sul para situar a nosso estudo na interseção entre história política e história disciplinar. Em seguida, abordamos o impacto de sua morte em 1989 e suas repercussões na comunidade antropológica. Na terceira seção, a análise recai sobre a importância da pesquisa de Webster, que produziu sua tese de doutorado explorando a relevância de sua investigação sobre a organização social, o parentesco e a vicinalidade dos chopes; exploramos, ainda, alguns fenômenos contemporâneos relacionados à dinâmica das *timbila* dos chopes no distrito de Zavala para mostrar a atualidade das proposições teóricas de Webster. Na última seção sugerimos algumas dificuldades sobre como situar a trajetória de David Webster em meio às divisões e polêmicas no interior da antropologia sul africana. Como conclusão, sugerimos que a trajetória e a produção etnográfica de Webster permanecem analiticamente produtivas não apenas por sua circulação recente em pesquisas no sul de Moçambique, mas sobretudo por iluminarem as tensões constitutivas entre engajamento político e prática antropológica no contexto da luta contra o apartheid, além de anteciparem questões que seguem sendo relevantes sobre os chopes na atualidade.

Antropologia e biografias de antropólogos na África do Sul

Nas últimas décadas, a antropologia tem assistido a um adensamento de reflexões em torno da biografia como problema teórico, metodológico e narrativo, especialmente no que diz respeito às relações entre etnografia, escrita da vida e crítica aos dualismos clássicos entre indivíduo e sociedade (Cf. Manica; Kofes, 2015)⁴. Esse movimento mais amplo, que atravessa diferentes campos empíricos da disciplina, reconhece a biografia como ferramenta analítica capaz de iluminar trajetórias em sua complexidade histórica, social e relacional. É nesse horizonte geral que se inscreve um esforço coletivo em curso rumo a mapeamentos e teorizações sobre um potencial ‘giro biográfico’ na historiografia da antropologia. Ao menos desde o ano 2000 observa-se um crescente editorial na produção de biografias de antropólogos e uma proliferação de pesquisas que buscam resgatar as trajetórias pessoais e profissionais desses intelectuais (Pina- Cabral, 2008, 2022)⁵. Um olhar atento sobre esse movimento global, além de estudos sobre suas formas de expressão em contextos locais, poderá contribuir de maneira significativa para a compreensão de como biografias ajudam a configurar as narrativas sobre a antropologia, além de enriquecer a compreensão sobre as condições concretas que antropólogos praticam e pensam sua disciplina.

Acrescenta-se que parte considerável desse “giro biográfico” argumenta a favor da existência de uma correlação entre modalidades de escrita biográficas e a constituição de uma postura crítica frente a história da antropologia, através do entusiasmo por “outras histórias” marginalizadas ou silenciadas. Tal correlação está presente em trabalhos inaugurais na postura de escrever a história da disciplina pelas margens (Cf. Corrêa, 2003; Lamphere, 2004)⁶.

Evidentemente, David Webster, como antropólogo branco e inserido na academia sul-africana, não constitui um caso de trajetória ofuscada ou excluída por constrangimentos de gênero, raça ou classe. Além disso, a memória escrita sobre ele na África do Sul tende a compartilhar traços de linearidade e heroísmo característicos das narrativas sobre militantes no país. Ainda assim, sua trajetória se revela analiticamente produtiva no interior desse debate justamente por permitir iluminar, a partir de uma posição liminar, os marcadores de poder que atravessam a disciplina, bem como as aproximações,

4 O livro *Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia* (Kofes; Manica, 2015) tem origem no Grupo de Trabalho *Etnografia e Biografia na Antropologia: experiências com as diversas grafias sobre a vida social*, coordenado por Suely Kofes e Daniela Manica durante a 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em 2012 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A coletânea reúne contribuições que exploram, a partir de distintos materiais empíricos e reflexões metodológicas, as articulações entre biografia, trajetórias, histórias de vida e etnografia, consolidando um campo de debate no interior da antropologia brasileira sobre a escrita da vida como problema teórico e analítico.

5 João de Pina-Cabral apresentou tal argumento em sua resenha crítica sobre a nova coleção da Berghahn, sob direção de Aleksandar Bošković: “Uma característica particularmente interessante das publicações recentes sobre a história da antropologia tem sido o surgimento de um novo estilo de livro curto que combina o ensaio biográfico com uma reavaliação teórica da contribuição do autor escolhido. Esses livros constituem grandes ferramentas para o ensino e reflexão.” (Pina-Cabral, 2022, p. 3). O historiador sul-africano Andrew Bank, por sua vez, tem se dedicado a mapear a produção de biografias de antropólogos publicadas desde os anos 2000, um esforço que integra a introdução do livro que está organizando sobre a antropóloga britânica Audrey Richards. Andrew Bank busca quantificar essa tendência internacionalmente, considerando a produção nos Estados Unidos, no Reino Unido e na África do Sul (cf. Bank & Bank, 2013; Bank, 2016, 2019), e tem expandido para incluir referências sobre o Brasil.

6 Hoje essa perspectiva evidentemente tem se radicalizado tanto na África do Sul quanto no Brasil. Aqui, a reivindicação de uma antropologia negra, entendida como produção de conhecimento com agência e autoria negras, tem se expressado tanto no plano institucional, com a emergência do Comitê de Antropólogos/os Negras/os da ABA, quanto por meio de formas organizativas coletivas, como o Coletivo Negrada e o Coletivo de Estudantes Negras e Negros das Ciências Sociais da UFES, analisados por Messias Basques como articulações entre ativismo político, disputa institucional e produção antropológica (Cf. Dias, 2021, p. 03; Basques, 2022). Esse movimento articula a recuperação de trajetórias e produções silenciadas a uma reavaliação crítica da história da antropologia por meio de abordagens biográficas, impulsionada por gerações formadas no contexto das políticas de ações afirmativas (Cf. Venancio; Silva, 2021).

tensões e distanciamentos que estruturaram as formas de engajamento político de antropólogos em processos de resistência e transformação social.

A história disciplinar frequentemente recorre à biografia como um dispositivo de ordenamento retrospectivo, operando por meio da estabilização de trajetórias, da seleção de figuras exemplares e da produção de narrativas coerentes que tendem à consagração intelectual. Nesse registro, as biografias funcionam como instrumentos de legitimação do campo, contribuindo para a fixação de cânones, linhagens e heranças intelectuais (Cf. Guérios, 2021, p. 4). Não é esse o intuito do presente artigo. Em vez de mobilizar a biografia como mecanismo de consagração, propomos tratá-la como material analítico situado, capaz de revelar tensões, ambivalências e deslocamentos entre ideais formulados, práticas efetivas e contextos históricos específicos.

Relações entre trajetórias biográficas e histórias políticas nacionais têm gerado reflexões críticas na África do Sul (Rassool, 2010) devido a tendências de que biografias e autobiografias sejam incluídas em processos de construção de histórias nacionais de “viés oficial” que autoriza determinadas subjetividades e silencia outras. Simultaneamente, parece notável a existência de estudos e construções biográficas que caminham no sentido oposto dessa tendência ao, por um lado, evitar os limites da história nacional e por outro, buscar dar atenção a processos, trajetórias e situação liminares (não oficiais).

Estudos como os de Tom Lodge (2015) ampliam essa discussão ao indicar como a biografia pode operar como um instrumento não apenas para narrativas de caráter memorialístico, mas também para a análise de dinâmicas sociais, políticas e históricas mais amplas. Lodge argumenta que as biografias, quando aplicadas em contextos complexos como a África do Sul, permitem a articulação de histórias que se distanciam das estruturas nacionalistas dominantes e se concentram em vidas marcadas por contradições e ambiguidades. Esse enfoque ressalta a importância de se atentar para sujeitos que habitam posições liminares, explorando seus papéis em processos sociais que frequentemente escapam às narrativas oficiais. Essa perspectiva dialoga com análises que sublinham a necessidade de se desvincular o uso da biografia da função de consolidar memórias homogêneas ou celebrações oficiais. Pelo contrário, ela pode ser uma ferramenta metodológica crítica, capaz de revelar as fissuras e tensões no tecido social e político de determinadas épocas.

No caso da antropologia, isso significa não apenas olhar para as trajetórias individuais como objetos de pesquisa, mas também utilizá-las como prismas que refratam questões estruturais e disciplinares mais amplas. Ao buscar inspiração em tais abordagens, este artigo sugere que biografias críticas podem oferecer novas maneiras de compreender as intersecções entre vidas individuais, dinâmicas coletivas, movimentos e eventos políticos, e os contornos da história da antropologia.

No contexto sul-africano, a profusão de biografias e a relação do campo disciplinar com elas possui uma história com contornos particulares. De acordo com Ilana Van Wyk e Jimmy Pieterse (2022, p. 25-28), os antropólogos sociais sul-africanos desenvolveram uma tradição notável de registrar as trajetórias intelectuais e celebrar a vida de seus colegas por meio de biografias, artigos acadêmicos, obituários e coletâneas comemorativas. Esses relatos, frequentemente escritos por ex-alunos admiradores, colegas próximos ou parceiros de pesquisa, revelam uma comunidade acadêmica fortemente interligada, onde os laços eram forjados não apenas por afinidades intelectuais, mas também por conexões políticas, supervisões acadêmicas e relações pessoais. Durante os anos do apartheid, a limitação do número de departamentos de antropologia de tradição inglesa e a forte influência de redes acadêmicas

internacionais, como o Instituto Rhodes-Livingstone e a Escola de Manchester, contribuíram para a consolidação de uma identidade comum entre esses pesquisadores.

Mesmo durante o boicote acadêmico dos anos 1980, padrões estabelecidos anteriormente continuaram a moldar os percursos de formação e atuação dos antropólogos sul-africanos, que mantinham vínculos com instituições de prestígio na Europa e nos Estados Unidos. Jim Kiernan (1997, p. 53), embora reconheça as limitações impostas pelo boicote acadêmico internacional (Fry, 1992), sugere que seus efeitos frequentemente foram exagerados. Ele observa que os antropólogos sul-africanos, especialmente os de ascendência britânica, ainda conseguiam publicar em periódicos internacionais, participar de conferências e interagir com acadêmicos do exterior. O verdadeiro desafio, argumenta Kiernan, foi imposto pelas forças internas do regime segregacionista, que impôs constrangimentos ideológicos, políticos e de ordem prática sobre a disciplina. A “mão de ferro” do apartheid é vista como a causa principal tanto do isolamento externo quanto dos desafios internos que os antropólogos enfrentaram.

Apesar de certa coesão acadêmica, produto deste sentido de comunidade entre os antropólogos, as oportunidades dentro da antropologia sul-africana foram historicamente marcadas por barreiras de gênero e raça. Embora a disciplina tenha sido pioneira por mulheres etnógrafas (Bank, 2016), poucas conseguiram alcançar posições de liderança equivalentes às de seus colegas homens, sendo Monica Wilson uma das poucas exceções. Já os antropólogos negros enfrentaram desafios ainda maiores para garantir nomeações universitárias⁷, financiamento para pesquisa e reconhecimento acadêmico. No entanto, apesar das exclusões estruturais, era comum que esses acadêmicos mantivessem contato contínuo com seus alunos e ex-alunos, muitas vezes através de cartas, visitas de campo e encontros sociais. A forte ênfase, nas biografias acadêmicas, na dedicação ao ensino, no compromisso com o trabalho de campo de longa duração e na construção de redes internacionais reflete os valores predominantes dessa comunidade. Ao mesmo tempo, as biografias de antropólogos brancos frequentemente ressaltavam suas posturas liberais e humanistas, enquanto as dos antropólogos negros enfatizavam seu ativismo político e resistência ao elitismo acadêmico branco que marcaram a trajetória da antropologia na África do Sul (Cf. Van Wiky & Pieterse, 2022, p. 27).

No contexto pós-apartheid, a análise da história da antropologia e das trajetórias dos antropólogos se insere em um movimento biográfico mais amplo. De acordo com Nancy Jacobs e Andrew Bank (2019), as biografias se consolidaram como o gênero predominante na literatura não ficcional pós-apartheid, com um enfoque particular nas biografias políticas. Esse crescimento foi impulsionado por uma:

curiosidade em relação à diversidade, um desejo de compartilhar histórias de vida que permaneceram silenciadas durante o regime do apartheid, e a urgência de um processo de reflexão pessoal, de enfrentar a dor e o sofrimento do apartheid, conforme expresso nas experiências de vida de outros. (Jacobs, Bank, 2019, p. 166)

⁷ O chamado *Mafeje Affair* constitui o exemplo mais explícito do bloqueio estrutural imposto pelo regime do apartheid às trajetórias acadêmicas de intelectuais negros na África do Sul. Em 1968, apesar de ter concluído o doutorado em Cambridge sob orientação de Audrey Richards e de contar com amplo apoio de antropólogos como Monica Wilson, Archie Mafeje teve sua nomeação para uma cátedra em Antropologia Social na University of Cape Town (UCT) vetada após intervenção do então Ministro da Educação Nacional, Jan de Klerk, que considerou “inaceitável” a nomeação de um professor negro para tal posto. Diante das ameaças de retaliação estatal, a administração universitária recuou, violando o princípio de autonomia acadêmica e evidenciando os limites institucionais impostos à presença negra no ensino superior durante o apartheid. O episódio desencadeou intensos protestos estudantis e tornou-se um marco na crítica às universidades “liberais” sul-africanas, revelando o fechamento sistemático do campo acadêmico aos intelectuais negros (Hendriks, 2008; Ntsebeza, 2014).

A história da antropologia, por sua vez, parece compartilhar desse espírito coletivo, refletindo as contradições e tensões que surgem das múltiplas formas de introspecção e avaliações realizadas pelos indivíduos buscando compreender e enfrentar os eventos críticos propiciados pelo apartheid. Nesse cenário de uma antropologia sul-africana marcada por profundas contradições, a vida de David Webster emerge como um caso expressivo nas intersecções entre biografia política e biografia de antropólogos. Sua trajetória ilustra as complexidades de um campo disciplinar atravessado por tensões políticas e sociais, onde o compromisso ético com a pesquisa e o ativismo frequentemente desafiava os limites impostos pelo apartheid. Como intelectual e militante, sua atuação transcendeu os espaços acadêmicos tradicionais, integrando redes de solidariedade que escapam a uma história nacional da disciplina. Seu trágico assassinato em 1989 e as repercussões desse evento no campo da antropologia sul-africana revelam tanto os desafios enfrentados por pesquisadores engajados, marcados pelo que Adam Kuper chamou de “cruel dilema do ativista-acadêmico” (1999, p. 163), quanto os impactos duradouros de sua memória e legado na disciplina.

A seguir, analisaremos algumas das repercussões sobre sua morte buscando evidenciar como ela expressou dilemas e tensões da antropologia em um período de intensas transformações.

Figura 4: Amos Ngubani, assistente de pesquisa e amigo de David Webster em Kosi Bay, KwaZulu-Natal, discursa em zulu durante o funeral, com tradução para o inglês por Johnny Clegg.



Fonte: Wulfsohn, Gisèle. “Amos Ngubane speaks at the funeral service in St Mary’s Cathedral for assassinated David Webster, translated by musician Johnny Clegg.” *AFRAPIX Consolidation Project*, 6 May 1989, Photograph, B/W Print, A4. Ref. no. 00157_51.13. Acesso em 30 de março de 2025. <http://historicalpapers-atom.wits.ac.za/870>

A repercussão da morte do antropólogo-ativista

O funeral do antropólogo e ativista David Webster aconteceu no dia 06 de maio de 1989, um sábado, às 10 da manhã, no cruzamento das ruas De Villiers and Wanderer's Streets em Johannesburg. Webster era uma das personalidades da vida cultural e política de Joanesburgo, especialmente do circuito político e cultural, que engajava inúmeros outros profissionais liberais brancos que buscavam se engajar na luta pelo fim do regime de segregação racial e abraçavam “não racialismo”⁸. Participou como organizador de inúmeros grupos de resistência, às vezes tolerados, às vezes posto na ilegalidade, na década de 1980, como a United Democratic Front⁹, o Detainees' Parents' Support Committee (DPSC)¹⁰ e o Five Freedom Forum¹¹. Algumas matérias nos jornais sul africanos falavam em “Déjà Vu”¹² comparando a morte de Webster a outros atentados contra ativistas brancos, como de Rick Turner¹³, Ruth First¹⁴ e Albie Sachs¹⁵. O jornal *Times*, no dia 3 de maio, anexou a notícia um catálogo de 15 assassinatos de ativistas não resolvidos somente nos anos de 1988 e 1989¹⁶.

8 O não racialismo foi um princípio central da luta contra o apartheid, associado a ideais universalistas, mas sua prática esteve atravessada por tensões, já que, em contextos de segregação e repressão, a organização em bases racializadas foi frequentemente adotada como estratégia política (Suttner, 2012). Ndumiso Dladla argumenta que se trata de um conceito historicamente disputado, cuja memória foi amplamente moldada pela perspectiva do colonizador, e critica seu agenciamento no pós-apartheid como categoria jurídico-estatal mobilizada para neutralizar políticas redistributivas e formas de crítica racializadas. Na leitura africanista reconstruída por Dladla (2017, p. 119-123) a partir de Robert Sobukwe, o não racialismo não constitui um princípio válido sob a supremacia branca, mas um horizonte político posterior à sua derrota, possível apenas após a libertação nacional africana. Partimos dessa compreensão disputada do conceito, distinguindo analiticamente entre o não racialismo enquanto categoria de Estado e os sentidos plurais que assumiu na luta contra o apartheid. Reconhecemos, ainda, que ativistas, inclusive brancos, se engajaram a partir de leituras diversas do não racialismo, sem que seja possível afirmar de modo conclusivo qual era a posição específica de David Webster.

9 A United Democratic Front (UDF) foi uma coalizão de organizações antiapartheid na África do Sul, fundada em 20 de agosto de 1983. Composta por sindicatos, organizações estudantis, de direitos humanos e, mesmo, organizações profissionais, a UDF cumpriu um papel de organizador de massas, enquanto os partidos de oposição ao apartheid como Congresso Nacional Africano (ANC) e o Congresso Pan-Africano (PAC) estavam na ilegalidade. Sobre a UDF, sua estratégia política e relação com o ANC, ver *Beyond our wildest dreams: The United Democratic Front and the transformation of South Africa*. (Van Kessel, 2000).

10 Comitê responsável por auxílio jurídico, material e político a presos, especialmente jovens detidos sem processos, e seus familiares durante os repressivos anos de 1980. Para uma história do DPSC ver *The Knock on the Door: The Story of the Detainees' Parents Support Committee* (Shakinovsky, Cort, 2018).

11 Coalizão extraparlamentar criada no final dos anos 1980. A FFF cumpriu um papel decisivo de mobilização da comunidade branca no final do *apartheid* e pode realizar uma série de ações políticas, especialmente após as restrições do Estado de Emergência atingirem organizações antes toleradas como a UDF e o DPSC. O nome faz referência a cinco liberdades: de expressão, de imprensa, de associação, de reunião e de movimento. A FFF foi uma das organizações centrais na campanha “um homem e um voto” e na transição democrática sul africana.

12 Ver, *The Independence*, 3 de maio de 1989, p.20.

13 Professor de filosofia na Universidade de Natal, em Durban. Destacou-se como intelectual público influenciado pelo marxismo e existencialismo (cf. Turner 1972/1978) tornou-se um marco para a esquerda sul-africana. Turner foi assassinado na noite de 8 de janeiro de 1978, na porta de sua casa em Durban, na África do Sul.

14 Ruth First, judia, jornalista, cientista social e militante do ANC e do Partido Comunista Sul Africano cumpriu um papel de destaque na organização e cobertura da campanha de desobediência civil nos anos 1950. Após uma detenção de 90 dias na África do Sul se exilou. Chegou a dar aula em Dar-Es-Salam, na Tanzânia e na Universidade de Durban no Reino Unido. Em 1977 foi para Moçambique dirigir o Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane em Moçambique, junto ao intelectual e goês Aquino de Bragança, e fizeram do CEA um dinâmico centro de pesquisa que abrigou intelectuais militantes internacionalistas no período socialista de Moçambique. Ruth First foi assassinada em 1982, nas instalações do CEA, por uma carta bomba enviada pelas forças repressivas sul-africanas.

15 Jurista, escritor e ativista sul-africano, integrante do ANC foi preso e exilado em 1963. Passou a viver em Moçambique após a independência do país. Em 1988, sofreu um atentado em Maputo onde perdeu um braço e parte da visão ao abrir uma bomba instalada em seu carro por agentes do apartheid. Após o fim do regime segregacionista, Sachs foi um dos elaboradores da nova Constituição da África do Sul e serviu como juiz na Corte Constitucional.

16 Ver: *Times*, 3 de maio de 1988, p. 10. Ver: Gavin Bell, “Chorus of Anger over Murder of Apartheid Critic,” *The Star* (Johannesburg), May 3, 1989.

Os principais oradores da cerimônia faziam parte de uma rede de ativistas brancos, de profissões liberais, a maioria acadêmicos da Wits, assim como Webster, e de Joanesburgo, que tiveram proeminência em universo político cultural de esquerda. Esta geração de acadêmicos foi descrita por Glen Moss como *The new radicals* (2014), jovens que transitaram de um ativismo liberal e simbólico para uma militância mais organizativa e de massas, percebida como mais radical. Esse radicalismo intelectual, majoritariamente branco, buscava se ligar organicamente a nova emergência sindical sul africana, ao movimento de massas como *United Democratic Front* (UDF), aos movimentos de cultura de resistência e não racista, e, fundamentalmente, a organizações de luta contra a repressão. Essa geração enfrentava o Estado de Emergência decretado pelo presidente P.W Botha em 21 de julho de 1985 e ampliado em 12 de junho de 1986. Organizações antes toleradas como United Democratic Front e o DPSC passaram a sofrer perseguições até serem efetivamente banidas no 1988, quando mais de 25 mil pessoas foram detidas e a censura e vigilância se intensificaram como nunca antes visto. Incêndios criminosos atingiram a sede da South African Council of Churches (SACC) e da Congress of South African Trade Unions (COSATU). O assassinato de Webster em 1º de maio de 1989 foi um dos eventos em Joanesburgo relacionados ao enfrentamento aberto das forças de resistência contra o endurecimento do regime.

Algumas matérias de jornais descreveram Webster logo após seu assassinato como “Gentle Fighter” (Seriepe & Becker, 1989) e o discurso de Phill Bonner, historiador engajado e amigo de Webster, em seu funeral, afirmou:

As contribuições de David permaneceram meio ocultas para qualquer um de seus amigos. Ele se sentia desconfortável e envergonhado com qualquer escrita que não mostrasse claramente que ele era membro de uma equipe dedicada e altamente eficaz, que fazia parte de um movimento, que era parte de uma explosão em todo o país que veio após anos e anos de resistência, nos quais houve milhares e milhares de vítimas. (citado em Webster, 2009).

Tal imagem está diretamente relacionada com o tipo de ativismo que David Webster desenvolveu. Ele foi um dos fundadores do Detainees’ Parents’ Support Committee, após uma onda de prisões que ocorreram em Joanesburgo, incluindo estudantes da Wits, no dia 12 de setembro de 1981. Entre os detidos estavam Barbara Hogan, aluna de Webster naquele mesmo ano, e Barbara Klugman e Joanne Yawitch, ex alunas. Foi Webster quem teve a iniciativa de garantir que os primeiros encontros do coletivo ocorressem no espaço relativamente seguro da Universidade. Ele teria dito a Max Coleman¹⁷, pai de uma presa política e também fundador do DPSC, “use a universidade como base” (Shaknovsky & Cort, 2018, p. 19). Inicialmente, o DPSC concentrou suas atividades em Joanesburgo, mas rapidamente outros coletivos com atuações semelhantes começaram a surgir em outras cidades. O coletivo ganha um impulso ainda maior com a fundação da United Democratic Front (UDF), em 20 de agosto de 1983. A Frente se tornou um dos principais grupos de oposição ao regime, ganhando apoio de diferentes setores da sociedade e promovendo a resistência ao apartheid por meio de protestos, campanhas de desobediência civil e outras formas de mobilização popular.

17 A família Coleman é uma peça central para a criação do DPSC. Max e Audrey Coleman eram pais de Keith Coleman, um jovem ativista branco que editava um dos boletins antiapartheids da *South African Students Press Union* (SASPU).

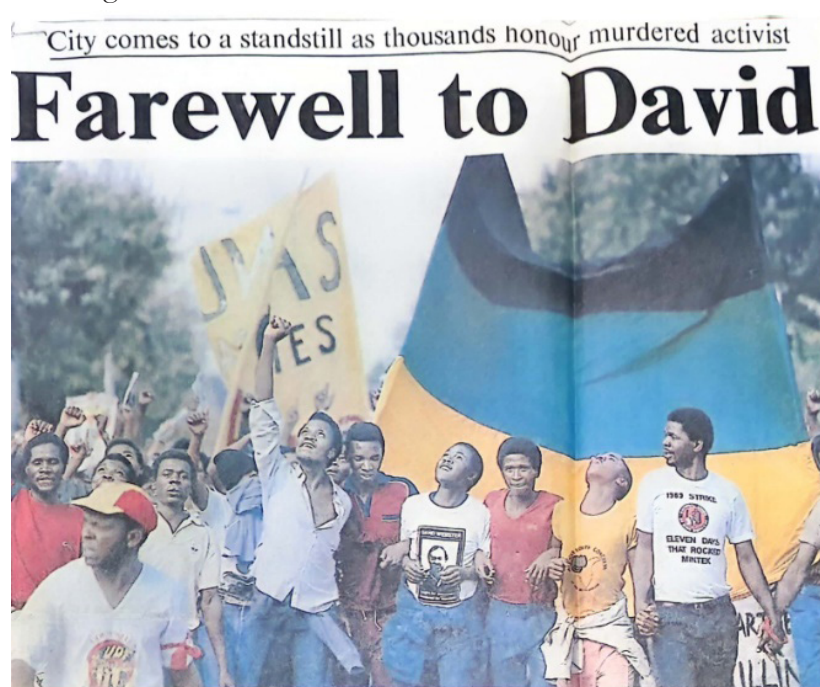
Após 1985, com declaração de Estado de emergência, o fenômeno das detenções sem julgamento escalou e o DPSC adquiriu dimensões nacionais com comitês nas principais cidades, uma imprensa de alcance nacional e com congressos anuais. Webster se tornou um dos porta-vozes do coletivo, escreveu diversas denúncias sobre as prisões arbitrárias entre outros métodos de repressão, escrevia nominalmente para o jornal de *The Stars* e era chamado para entrevistas em alguns programas de televisão. Parte dos escritos e relatórios organizados por Webster formaram um conjunto de informações entregues à Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas em 1985 (Klugman, 1989; Coleman, 1989). Um ano antes de seu assassinato, ele e Maggie Friedman realizaram uma publicação intitulada “Suppressing Apartheid’s Opponents: Repression and the State of Emergency” (1988), que circulou e foi referenciado na imprensa antiapartheid.

As campanhas de desobediência contra o regime foram constantes durante toda a década de 1980, mas meses antes do assassinato de David Webster uma vitória estrondosa foi conquistada. Em janeiro em 1989, uma greve de fome nas prisões sul africanas, acompanhada por ocupações de consulados e prédios públicos, obrigou o Ministro da Lei e Ordem, Adriaan Vlok, a conceder a libertação de mais de 800 presos. Uma matéria escrita por Gavin Evans no Mail & Guardian em 05 de maio de 1989 apresentava o título “Foi David Webster uma vítima do sucesso da greve de fome?” (Evans, 1989). Segundo Nayan Shah (2022, p.187-188) as greves de fome de 1989 surgiram de forma espontânea, mas se fortaleceram dentro de redes progressistas da sociedade civil. Esses protestos antecederam a campanha nacional que boicotou as eleições parlamentares tricameral de 1989. Ainda que os assassinatos e as prisões continuassem¹⁸ a greve de fome foi fundamental para dar confiança ao movimento de massas. O DPSC, assim como Webster, tiveram um papel destacado na articulação entre as ações internas dos presos em greve de fome e a solidariedade na sociedade civil sul africana.

O próprio funeral de Webster era um indício de que a repressão não era suficiente para barrar o crescente radicalismo na sociedade civil. Assim como em outros funerais e manifestações políticas as pessoas ignoravam a ilegalidade do Congresso Nacional Africano (African National Congress - ANC) e levantavam suas cores.

18 Nos quatro meses que antecederam o assassinato de Webster, houve um ataque armado contra ativistas anti-apartheid fora da África do Sul a cada doze dias. Confirmando a declaração do ministro da defesa Magnus Malan: “onde quer que o ANC esteja, nós o eliminaremos”. Nas semanas seguintes, o representante francês do ANC, Dulcie September, o representante em Bruxelas, Godfrey Motsepe, o guerrilheiro Mazizi Nakekeza e o professor de direito Albie Sachs foram atacados. (Cf. Vali Mosi, 1989).

Figura 5: Cores do ANC no funeral de Webster.



Fonte: Weekly Mail, 12 de maio de 1989.

Em 10 de maio de 1989, a Universidade de Witwatersrand (Wits) realizou uma cerimônia oficial em sua memória. Novamente, milhares de pessoas estiveram presentes, agora no gramado da biblioteca¹⁹. Phill Bonner foi novamente um dos oradores da cerimônia; desta vez, ele destacou uma dimensão acadêmica de David Webster como parte de uma geração de novos professores contratados que iniciaram sua carreira com a convicção que lutavam contra um ambiente de falta de “criatividade e vitalidade intelectual”, característica de uma Ciências Sociais com “mentalidade ligeiramente colonizada pronta para receber qualquer coisa que viesse do centro metropolitano”. Ele, Webster e outros estavam entusiasmados em colocar a Wits “no centro, e não na periferia, dos estudos da África Austral, e torná-la mais relevante e mais engajada nas questões candentes da sociedade sul-africana”. Bonner também destaca Webster como um promissor antropólogo capaz de entrar no seletivo grupo *mainstream* da disciplina. Sobre os anos sabáticos de Webster em Manchester, Phil Bonner admite que estava convencido que perderia ele para a “cultura da classe trabalhadora, e em particular para a subcultura do Manchester City Football Club. Felizmente, seu compromisso fundamental era com a África do Sul.”

A identificação e empatia de Webster pela cultura suburbana de Manchester foi algo marcante também para os antropólogos europeus. No dia 07 de maio, o diretor do Departamento de Antropologia Social de Manchester, David Rheubottom (1989), escreveu para Maggie Friedman, falando de suas vívidas lembranças de Webster como professor temporário:

19 Na ocasião National Union of South African Students (NUSAS) publicou um livreto com três aulas públicas de Webster em diferentes congressos estudantis. A brochura, que salientava a relação orgânica de Webster com o movimento estudantil, contava com uma introdução de Lindsay Falkov, presidente da associação naquele ano, e as transcrições: *The Nature of Crisis in South Africa; The Political Economy of Education e Closing Address to NUSAS Congress*.

Maurice Godelier estava visitando o departamento nesse período, e ele e David desfrutavam da companhia um do outro. Maurice e eu fomos levados para a cena musical alternativa de Manchester pelo entusiasmo de David. Tenho memórias especialmente vívidas de várias noites ensurdecidas passadas no Rotters com David e Maurice. O Rotters era um pequeno clube que se especializava em grupos alternativos mais obscuros e bizarros. David o conhecia bem, é claro, assim como todos os outros locais na área de Manchester. Ele conhecia o interior de Manchester melhor do que a maioria dos manchesterianos e se tornou muito conhecedor da história local e das tradicionais cervejas da região.

Se a empatia de Webster pela cultura suburbana de Manchester pareceu por um momento como um distanciamento da África para Phil Bonner, isso não o era para o orientador de David, Hammond-Tooke. Este destacou que a passagem de Webster por Manchester foi responsável pela consolidação de uma filiação antropológica simpática ao marxismo e particular de um estilo de pesquisa antropológica. Hammond-Tooke reconhece Webster como pioneiro na Universidade de Witwatersrand a abraçar a teoria marxista, introduzindo em suas aulas elementos de antropologia marxista francesa e economia política. Assuntos como mais-valia, modos de produção, análise de estrutura de classes, incorporação do campesinato na economia capitalista tornaram-se cada vez mais presentes nas aulas de Webster quando ele voltou de seus anos sabáticos em Manchester. Como estava evidente, no funeral de Webster seu apreço pelo futebol, músicas e bares em Manchester não era em oposição, mas análogo à vida cultural que apreciava em Joanesburgo.

Na mesma semana, Peter Worsley, supervisor de Webster em Manchester, publicou uma coluna no Guardian onde afirmava que se o “termo mártir foi desvalorizado no Ocidente” descrevia “fanáticos que matavam inocentes”, ele era “apropriado para aqueles brancos que são corajosos o suficiente para se unir aos negros na luta pela libertação da África do Sul da dominação racista”. Relembrava o sentimento obscuro que possuía quando se despedia de intelectuais como Ruth First²⁰ ou Albie Sachs: “seus dias de liberdade poderiam estar contados. Na época, eu não imaginava que eles seriam mortos a tiros ou explodidos. Mas isso aconteceu”. Worsley também destacou que Webster era um apaixonado pelo cotidiano de pessoas comuns e que tal qualidade poderia tornar alguém um pesquisador de campo exemplar capaz de trazer e levar informações, material e apoio para as pessoas de Soweto, ser um ativista e ser versado em “música e variedades de punk-rock”.

O universo cultural urbano não era a sua única empatia. A morte de Webster tampouco passou despercebida pelas *timbila*. Tendo realizado trabalho de campo entre os chopos de Inharrime – “um povo rural da zona costeira do Sul de Moçambique tomado internacionalmente famoso pela excelência de sua música” (Pina-Cabral, 2009, p. 21) – durante onze meses ininterruptos em 1969, além de outras curtas estadas até 1972, Webster viveu intensamente diversas situações da sociabilidade chope. Esse período alargado de pesquisa, aliado à sua empatia com interlocutores de campo e ao seu talento teórico, o permitiu produzir uma etnografia sofisticada e que reverbera ainda hoje nos círculos acadêmicos especializados. Além de seções específicas sobre os músicos chopos (p. ex. “Compositores e canções: as letras e o seu

20 Ruth First também passou por Manchester em 1974. Worsley mediou no ano de 1979 uma tentativa de vinculação de Webster com o Centro de Estudo Africanos em Moçambique. Apesar de algumas cartas trocadas entre os três, a ida de Webster a Moçambique não aconteceu.

papel na gestão da informação”), o lugar ocupado pelas *timbila* na estrutura social chope está presente em diversas partes de *A Sociedade Chope*. A abordagem sobre individualismo e liderança é bastante tributária da percepção da atuação dos músicos chopes. Voltaremos a esse ponto na próxima seção.

Venâncio Mbande, renomado timbileiro moçambicano, trabalhador na mina Wildebeesfontein em 1989, compôs uma canção – especificamente um *mzeno*²¹ – em homenagem ao antropólogo. O grupo de *timbila* de Venâncio a apresentou na Wits em fevereiro de 1990, numa ocasião de luto pela morte de Webster. Andrew Tracey, filho de Hugh Tracey²², transcreveu a letra desta canção, traduziu-a para o inglês e produziu um folheto explicativo nesse mesmo ano pelo International Library of African Music/Rhodes University, localizada em Grahamstown. Neste documento, Andrew afirmava que Webster tinha uma importância especial para os chopes porque ele iniciou sua carreira antropológica realizando pesquisa sobre parentesco entre eles. De fato, ter sido inspiração de um dos grandes mestres de *timbila* para compor uma letra indica o profundo respeito que alguns sujeitos chopes dedicavam a ele.

Embora tenha sido Hugh Tracey a inaugurar pesquisas centradas na música produzida por sujeitos chopes, foram as análises de Webster que complexificaram a interpretação sobre a relação intrínseca entre as *timbila* e os padrões de sociabilidade de grupos chopes²³. Segundo o antropólogo sul-africano, os grupos de *timbila* (denominadas orquestras à época) das povoações, organizadas pelos régulos, caracterizavam-se como um dos elementos fundamentais na identificação dos sujeitos com suas localidades. Afirmou: “É através da música e das letras que as lealdades do indivíduo se estabelecem; as canções oferecem uma unidade de propósitos e um núcleo identitário” (Webster, 2009, p. 97). Quase todas as povoações possuíam sua própria orquestra, cujos “compositores incorporam nas letras versos de enaltecimento à sua povoação e insultos às povoações vizinhas” (Webster, 2009, p. 97). Os grupos exibiam-se em festividades locais e em concursos competitivos. As letras das canções em 1960, segundo aponta Webster, desempenhavam um papel fundamental na regulação de comportamentos prescritos pela sociedade. O antropólogo atribuiu tamanha centralidade às *timbila* em sua pesquisa que apontou, inclusive, ser a “prática musical dos chopes” mais efetiva do ponto de vista do alívio das tensões entre rivais do que as acusações de feitiçaria (Webster, 2009, p. 342).

Transcreveremos abaixo a letra deste *mzeno*, mas não teremos espaço aqui para explorar todos os seus versos, tampouco explicar com minúcias sobre a estrutura poética e de composição das canções de *timbila*²⁴. Para o que nos concerne neste texto, basta mencionar que o fato de Webster ter sido inspiração para a composição de um *mzeno* significa que ele era bastante respeitado tanto pelo compositor

21 O *mzeno* é uma das partes que compõem o *m'godo* (apresentação completa de uma peça de *timbila*, com duração aproximada de 45 minutos). O *m'zeno* “é o mais descontraído de todo o repertório. No entanto, é considerada o ápice de toda a performance de um grupo de *timbila* e também é intitulada ‘canção solene’. Os dançarinos executam movimentos muito leves e cantam mais devagar e de forma mais audível. É uma música com fortes mensagens de moral, educação social ou crítica, geralmente contada em parábolas ou em forma de humor”. (Moraes e Bande Junior, 2024, p. 205). Para mais informações sobre o assunto, ver Tracey (1970; 2021).

22 Hugh Tracey (1903-1977) desempenhou um papel fundamental na consolidação dos estudos sobre música em diversos espaços da África Austral a partir da década de 1930. Criou a *African Music Society* em 1947 e, posteriormente, o *International Library of African Music* (ILAM), ainda em funcionamento na Universidade de Rhodes, em Grahamstown, África do Sul. Seu filho Andrew (1936-2024) seguiu seus passos, ampliando os estudos do pai e se tornando diretor do ILAM por vários anos.

23 Em resenha de *Chopi Musicians*, publicada em 1973, Webster afirmava que apesar de Tracey ter mostrado com propriedade o papel das *timbila* na regulação de comportamentos sociais, ele não teria descrito a estrutura social chope e os papéis desempenhados por diferentes sujeitos nessa sociedade, incluindo compositores, tocadores e dançarinos de *timbila*. De fato, tamanha importância dada às *timbila* na tese de Webster deve-se não somente ao fascínio gerado pela música, mas sobretudo pela sua centralidade na dinâmica da organização social chope daquele período.

24 Sobre esses aspectos, ver Jopela (2006).

quanto na terra natal dos chopes em Moçambique. A interpretação das letras de canções de *timbila* é extremamente complexa. Tanto Tracey quanto Webster, que analisaram o conteúdo de muitas dessas canções, apontaram que a narrativa nem sempre segue um fluxo contínuo de eventos, o que torna a interpretação difícil mesmo para aqueles fluentes em *cicope* (língua chope) e familiarizados com os episódios cantados. A esse respeito, Webster (2009, p. 378) escreveu:

As canções são esotéricas e herméticas. Para quem esteja de fora, as letras são incompreensíveis e são precisas explicações detalhadas por parte dos intérpretes ou do compositor para que façam sentido. Raramente desenvolvem um mesmo tema ao longo de todo o poema, que discorre fazendo lembrar ‘o fluir da consciência’. Umas poucas palavras em referência a um acontecimento, a uma pessoa ou a um lugar podem veicular um forte significado que não chega a ser explicitado, mas que é bem claro, tanto para os intérpretes como para o público.

Passamos agora à transcrição da letra do *Mzeno Wakudila Tate David Webster* (1990), em *cicope*, traduzida para o português do original em inglês, composta por Venâncio Mbande:

1. HINGANI ZWEE MALALANI MICHANGAPFA MAHUNGU A MAKONO
MANIPFSISAKO KUPANDA

Silêncio, fiquem quietos e ouçam as notícias deste ano, que partem meu coração

HIDAWETWE MKUKU NGONYAMO YA MAAFRIKA

Perdemos um galo da manhã, um leão entre os africanos

2. HIDAWETWE TATE DAVID WATHU WAMNENE WOVUNA VAKUTALA

HIDAWETWE TATE DAVID WATHU WAMNENE WOVUNA VAKUTALA
Nós perdemos nosso bom pai David, que ajudou muitos

NGAMU YA SOWETO KUDILA NKUPFA TATE KUDAWA
O povo de Soweto lamenta a morte de seu pai

HIDAWETWE MKUKU NGONYAMO YA MAAFRIKA

Perdemos um galo da manhã, um leão entre os africanos

3. IDICHILO CHOZIVA WULOYI NIDANGARAMBA MASHAKA AMINA
KUTSULA HICHANGAYA PHOT

IDICHILO CHOZIVA WULOYI NIDANGARAMBA MASHAKA AMINA KU-
TSULA HICHANGAYA PHOT

Se eu ao menos soubesse realizar feitiçaria, chamaria meu clã para vir e contra-atacar

HINADILA VHOTSE VALUNGU NIVATHU VAMTIMA

Nós choramos, todos, brancos e negros (juntos)

HIDAWETWE MKUKU NGONYANO YA MAAFRICA

Perdemos um galo da manhã, um leão entre os africanos

4. KUDAWA KWAKO WEBSTER MBAATHU VOMBITIZIVA TIYA TILAWAKO TATINENE

KUDAWA KWAKO WEBSTER MBAATHU VOMBITIZIVA TIYA TILAWAKO TATINENE

Seu assassinato, nosso Webster, (foi feito por) aqueles que não têm ideia do que as pessoas querem

MOYA WAKO TATA WUSAWULEKILE WUNATSULA KACHIKWEMBU

Seu espírito, pai, foi escolhido e vai para Deus

HIDAWETWE MKUKU NGONYAMO YA MAAFRICA

Perdemos um galo da manhã, um leão entre os africanos

5. VENANCIO WATHU KUSIKA TIMBILA THANGA NGUMBILU YICHIRUMA YINAKUCELA TAKUTALA

VENANCIO WATHU KUSIKA TIMBILA THANGA NGUMBILU YICHIRUMA YINAKUCELA TAKUTALA

Nosso Venancio, quando for compor para a timbila, comece (ouvindo) seu coração falar, ele lhe dirá muito

UNAKISOTA KUDILA MASHAKA DAVID WODAWA NGUWUNENE

(Então) você poderá chorar pelo seu clã, por David, que foi morto por causa da sua bondade

HIDAWETWE MKUKU NGONYANO YA MAAFRICA

Perdemos um galo da manhã, um leão entre os africanos

6. ALFRED GEI NGENE IKUMNENE KAVOTSELELE VALUNGU

ALFRED GEI NGENE IKUMNENE KAVOTSELELE VALUNGU

Alfred Gei é realmente o melhor entre todos os brancos

WASIKOTA KUSHAVA MIPELE ACHININGELA KASISIWANA VACHOPI

Ele conseguiu comprar fraldas e dá-las aos pobres chopes

7. HIBONGILE GEI NGUNDUVO YAKO YAYINENE KAVOTSELELE VACHOPI

HIBONGILE GEI NGUNDUVO YAKO YAYINENE KAVOTSELELE VACHOPI
Agradecemos a você, Gei, por seu bom tratamento a todos os chopes

HIKOMBELA CHIZIMU KUKATEKISA UNAWONA TAKUTALA
Pedimos a Deus que o abençoe com uma vida longa (lit: see many things)

8. HINGANI ZWEE MALALANI MICHANGAPFA MAHUNGU A MAKONO
MANIPFISAKO KUPANDA
Silêncio, fiquem quietos e ouçam as notícias deste ano, que partem meu coração

HIDAWETWE MUKUKU NGONYAMO YA MAAFRICA
Perdemos um galo da manhã, um leão entre os africanos

Sem a pretensão de ensaiarmos a interpretação desta letra, gostaríamos apenas de propor uma reflexão antes de seguirmos para a próxima seção. O *mzeno* reconhece simultaneamente a presença concreta de David Webster entre os chopes, no âmbito do trabalho de campo e das relações cotidianas por ele estabelecidas, e sua atuação política na África do Sul, inscrita na luta contra o regime racial. Ao nomear brancos e negros conjuntamente no luto, o *mzeno* reinscreve Webster em uma etiqueta moral chope que valoriza alianças, cuidados e compromissos efetivos. Nesse sentido, a *timbila* não apenas homenageia o antropólogo, mas evidencia como o trabalho de campo, longe de se restringir à observação, podia ser compreendido localmente como forma de aliança política articulada na experiência etnográfica. Soma-se a isso o sentido que o *mzeno* adquire no contexto de cerimônias públicas em homenagem a Webster, quando passa a confluir com um repertório mais amplo de aspirações não racialistas presente nas mobilizações e nos discursos políticos associados à sua morte, ao funeral e às homenagens que se seguiram. Nesse sentido, o *mzeno* está sendo reinscrito em uma gramática da luta contra o apartheid.

A “segunda vida” de *A sociedade chope*

As discussões teóricas presentes em *A Sociedade Chope* destacam as transições e disputas em torno das teorias do parentesco.²⁵ Webster abordou temas como vicinalidades, amizade, parentesco como linguagem e agência individual, buscando questionar a universalidade de modelos consagrados, como a teoria da descendência. Embora sua formação estivesse vinculada ao estrutural-funcionalismo (James, 2009), Webster propôs um olhar mais dinâmico e flexível. Entre os chopes, ele identificou um modelo de descendência agnática que funcionava mais como uma linguagem ou um mapa lógico do que como uma estrutura rígida. Porém, não abandonou a noção de estrutura, sugerindo que o indivíduo na sociedade chope não está limitado a um único sistema de relações. Ele propôs que “estruturas alternativas” – como

25 Tomamos de empréstimo a expressão “a segunda vida” cunhada por Lorenzo Macagno (2025). Ao se referir às primeiras etnografias realizadas sobre os chopes, especialmente o trabalho de Hugh Tracey e de David Webster, Macagno (2025, p. 152) afirma que elas “vêm adquirindo uma ‘segunda vida’ graças às novas gerações de antropólogos”.

vicinalidades, amizades e xarás – configuravam o que ele chamou de “quase parentes”. Essas categorias não apenas ampliavam o campo de escolha do indivíduo, mas também criavam um ambiente social favorável ao que Webster denominava “comportamentos individualistas”. Como observa Thomaz (2012, p. 234), Webster “amplia a noção de parentesco para além das relações de consanguinidade”, reconhecendo que alianças poderiam incluir relações tão significativas quanto as definidas pela descendência.

Webster (2009, p. 75) afirmou que seu objetivo não era debater os méritos ou limitações das teorias da aliança e da descendência. No entanto, inspirado por abordagens críticas como as de Leach (2001), ele reconhecia a ausência de linhagens profundas entre os chopos e suas formas de contornar o modelo patri-linear de parentesco. Essa análise estava sustentada por conceitos como “campo social”, influenciado por Victor Turner; “vicinalidade”, derivada de seu orientador Hammond-Tooke; e “quase-grupo”, inspirado por Mayer (1987). Além disso, ele incorporou noções da escola de Manchester, como “campos”, “arenas” e “conjuntos de ação”. Em última instância, Webster (2009, p. 69) enfatizava que, mesmo diante das prescrições do modelo estrutural, é o indivíduo quem decide “se deve usar as relações que pertencem a uma dada estrutura, as que fazem parte de outra, ou uma combinação delas”. Nas palavras de James (2011, p. 404), “é um individualismo profundamente enraizado no tecido da própria sociedade”.

Webster defende que o “sistema social chope” se caracteriza por uma forma de individualismo devido ao “ritmo acelerado de sociação (taxa de divórcio elevada, mudanças de residência, etc.) e o grande número e variedade de estatutos alcançados” (2009, p. 347) que se difere “do que acontece na maioria das sociedades tradicionais da África austral”. Assim, para além da realização de atividades mais generalizada por todos, como o cultivo de alimentos, alguns indivíduos se sobressaem não somente porque desenvolvem outras atividades mais especializadas – muitas vezes transformando-as em capital político –, mas sobretudo porque tornam-se capazes de ter mais ingerência no seu próprio destino e tomar decisões baseadas na ação individual, ainda que para alcançá-lo seja necessária uma efetiva mobilização de pessoas ao seu redor.

Se Edmund Leach, na segunda metade da década de 1960, alertava sobre o problema dos rótulos veiculados pelas tipologias de parentesco, Webster observou no mesmo período uma plasticidade no sistema de organização social dos chopos. Dizia ele que, diferentemente de outros grandes grupos sociais vizinhos, linhageiros e cuja descendência patrilinear era marcada, no caso dos chopos o que se observava era a existência de estruturas sociais alternativas como meio de recrutamento para os agrupamentos sociais, das quais se destacavam a bilateralidade efetiva, a atribuição de nomes, a instituição de tipos de amizade especial e a ênfase nos parentes laterais mais do que nos lineares. Mais precisamente, o antropólogo ressaltava o espaço de relações e circulação de um indivíduo no curso de sua vida como fundamental para compreender o parentesco e as alianças matrimoniais. Ou seja, argumentava que, para compreender a vida social chope, era mais importante entender seus padrões de circulação num dado território do que propriamente suas relações de parentesco e/ou casamento.

Inspirada nessas reflexões, Morais (2024) tem se valido das contribuições teóricas de Webster para compreender alguns fenômenos contemporâneos relacionados à dinâmicas das *timbila* em Zavalá. Há uma percepção atual em Moçambique de que a aprendizagem do instrumento está centrada na transmissão de conhecimentos de pai para filho. Indo em outra direção a essa abordagem, a antropólo-

ga tem se concentrado na análise de dados de campo²⁶ que mostram – a partir do diálogo com a obra de Webster – que esse padrão é recente e acompanha as mudanças pelas quais passou aquela sociedade após a independência do país, dezesseis anos de guerra civil e a circulação de grandes contingentes de sujeitos chopes para o trabalho nas minas da África do Sul.

Nos casos estudados pela autora, constatou-se que vários chefes de grupos de *timbila* teriam aprendido a tocar o instrumento com o avô materno, com o irmão da mãe ou com um primo cruzado matrilateral. Isso se dá porque, durante sua vida, um indivíduo estabelece fortes relações com os pais da mãe e outros parentes dessa unidade. Assim, deriva da grande circulação de pessoas no território, promovida pela plasticidade do parentesco, a intensa convivência de crianças com parentes maternos, e a consequente aproximação, por parte daqueles que têm aptidão, a aprenderem com seus ascendentes matrilineais. Esse argumento foi desenvolvido também em artigo escrito em coautoria com o pesquisador e timbileiro Venâncio Mbande Jr., filho do mestre Venâncio e continuador de sua obra em Zavala e alhures.

Outra inspiração advinda da obra de Webster sobre os chopes e que se tornou imprescindível para compreender o processo de reprodução das *timbila* em Zavala após a independência de Moçambique foi justamente a sua abordagem sobre o indivíduo. De acordo com o antropólogo, o “ritmo acelerado de sociação”, como as altas taxas de divórcio e a dinâmica produzidas pelas diversas mudanças de residência realizadas por um indivíduo durante a vida, além da grande variedade de estatutos sociais adquiridos externamente aos sistemas políticos e de parentesco, conferem ao sistema social chope uma forma particular de individualismo. Muito esforço é despendido por alguns indivíduos para obter prestígio e, como nem todos o conquistam, a vida social se torna intensamente competitiva; entretanto, aqueles que obtêm mais sucesso só o conseguem com a cooperação de outros tantos sujeitos. Isso nem sempre é fácil, pois é preciso ter confiança e os apoiantes muitas vezes possuem suas próprias ambições. Nesse sentido, o indivíduo necessita ser bastante habilidoso na condução das suas relações sociais, podendo acionar aquelas já estabelecidas, como as de parentesco ou amizade, ou ainda estabelecer outras novas.

Após 1975, com a derrocada do regime colonial e o ostracismo a que foram submetidos os régulos (Farré, 2015; Geffray, 1991), as *timbila* perderam a sua principal fonte de autoridade em relação à sua organização, ou seja, as condições materiais, de recrutamento de membros e programação de ensaios regulares que garantiam a sua manutenção (Moraes, 2024). Esse fenômeno é lido no contexto moçambicano como uma das causas do “desaparecimento” das *timbila*, a despeito de sua existência em outros formatos ainda hoje. Os dados etnográficos, assim como a reflexão teórica de Webster sobre o indivíduo, permitiram encontrar respostas para esse aparente paradoxo.

Se antes da independência do país a liderança dos timbileiros se restringiam ao controle social gerado pelas letras das canções, no pós-independência a sua autonomia cresceu. Munidos de sua capacidade estratégica e favorecidos pelo enfraquecimento dos régulos como autoridades reguladoras da maior parte das atividades sociais, alguns timbileiros se engajaram na constituição de seus próprios grupos de *timbila*. Tornaram-se chefes de *timbila*. Recrutaram membros para os agrupamentos em suas unidades familiares, nas suas vicinalidades, nas relações de amizade estabelecidas durante o trabalho nas minas sul-africanas. Combinando capacidade de liderança, carisma e prestígio advindo de seu

26 Por meio de pesquisa de campo em Zavala entre os anos de 2017 e 2019 (todo o ano de 2018 e curtos períodos nos demais).

estatuto de timbileiro (especialmente compositor), os novos chefes se dedicaram e ainda se dedicam à manutenção de seus grupos por meio de estratégias variadas e criativas (Morais, 2024, p. 302-323).

Contrariando as percepções pessimistas e catastróficas a respeito do “desaparecimento” das *timbila*, a leitura de Webster permitiu compreender o papel ativo desempenhado por certos indivíduos. Embora a pesquisa do antropólogo tenha sido realizada num contexto político bastante distinto com o qual nos deparamos nas décadas seguintes, é preciso ressaltar que, para além de “um marco etnográfico importante no conhecimento da história de Moçambique” (Pina-Cabral, 2009, p. 27), tanto os dados quanto sua contribuição teórica têm estimulado a construção de reflexões antropológicas contemporâneas sobre aquela região, assim como permitido a rever a própria história da antropologia e do lugar ocupado por Webster na formação de novos antropólogos e africanistas.

Webster frentes as divisões da antropologia sul africana

“Se David aprendeu efectivamente alguma coisa do seu humanismo activista no decurso dos estudos que realizou como antropólogo, é possível que a sua experiência inicial de trabalho de campo entre os chopos da zona de Inharrime, no Sul de Moçambique, em 1969, haja tido um papel não negligenciável neste processo” (James, 2009, p. 430).

É certo que após a realização de sua pesquisa entre os chopos e sua radicalização política entre o fim da década de 1970 e início de 1980, o ativismo político passou a ocupar destaque na produção escrita de Webster (1981b; 1983a; 1983b; 1986c; Friedman; Webster, 1989). No entanto, não se pode afirmar que, em algum momento, ele tenha abandonado a sua produção antropológica. Seus artigos refletiram o interesse pelo uso de métodos etnográficos para investigar o desenvolvimento capitalista, abordando temas como a reprodução da força de trabalho, a migração e a proletarianização rural (Webster, 1975b; 1978; 1979a). Possivelmente devido ao impacto da revolta de Soweto, que cumpriu um papel decisivo no seu trânsito político (Frederikse, 1998), Webster passou a dirigir pesquisas coletivas sobre etnicidade, trabalho informal e migração (Webster, 1979b; 1984b; 1986b; 1986c). A partir de 1984, Webster retomou o interesse por pesquisa de campo em zonas rurais, especialmente em Kwazulu-Natal, e por temas “clássicos” como casa, parentesco e aliança (Webster, 1986a; 1991).

Em diversos momentos antropólogos que refletiram sobre a relação entre ativismo e a prática profissional da antropologia sugeriram algo sobre as motivações do assassinato de Webster. Hammond-Tooke (1989), Copans (1989), Rheubottom (1989) sugerem que a capacidade de estabelecer conexões, especialmente com pessoas sem envolvimento político prévio, era um traço vinculado à formação de Webster como antropólogo. Além destes sinais de combinação entre antropologia e ativismo na vida de Webster, Kiernan (1997) sugere que, caso seu assassinato estivesse diretamente relacionado ao trabalho de campo na fronteira entre Kwazulu-Natal e Moçambique, seria difícil imaginar que Webster pudesse ter acesso às informações que teve sem sua vocação e aprendizado de antropólogo. O historiador Stephen Ellis (1994), por exemplo, especula que Webster teve acesso a informações sobre rotas

ilegais de tráfico de armas usadas para financiar grupos guerrilheiros pró-África do Sul na região. Em Moçambique, a notícia de sua morte enfatizou que ele havia descoberto esquemas de financiamento ilícito da RENAMO. Além disso, Webster denunciava que a criação de uma grande reserva ecológica entre Natal e Moçambique servia, na verdade, a interesses militares e econômicos do regime, sendo usada como pretexto para expulsar comunidades locais. Como observa James (2009, p. 433), ele descrevia a iniciativa como “um plano para criar uma reserva natural gigante e – de caminho - desalojar numerosos aldeãos.” Seu envolvimento com comunidades locais e sua escuta atenta lhe permitiram obter detalhes sensíveis sobre operações clandestinas, possivelmente levando ao seu assassinato.

No entanto, as alocações do lugar de Webster na história da antropologia sul-africana são complexas e refletem as dificuldades em definir um espaço fixo para ele dentro da disciplina. Ele foi celebrado como um exemplo de antropólogo politicamente engajado, e sua combinação entre militância e antropologia deveriam ser tidas como convidativas para outros antropólogos (Copans, 1989; Worsley, 1989). Os antropólogos Andrew Spiegel e Rhoda Kadalie (1989), em obituário, destacaram que o funeral de Webster foi um marco na disciplina inserido em um período de transição da sociedade sul que apontava para o amadurecimento da antropologia, que começava a perceber que seu humanismo não poderia se restringir ao âmbito acadêmico. Hammond-Tooke, como já mencionado, parece considerar o ativismo de seu aluno como um sacrifício que implicou em uma perda para a antropologia.

Nos anos 1990 muitos antropólogos dedicaram escritos para refletir os sentidos políticos e éticos da antropologia, refletindo o papel da disciplina na nova sociedade sul africana, o que passava por um olhar crítico e retrospectivo sobre o posicionamento dos antropólogos durante o regime do apartheid (Gordon & Spiegel, 1993; Scheper-Hughes, 1995; Ramphele, 1996; Kiernan, 1997; Kuper, 1999, p. 145-190). Tal autorreflexão possui contornos dramáticos, com inúmeras polêmicas, uma vez que as divisões – internas institucionais, políticas e metodológicas – da Antropologia na África do Sul passou a se transformar junto com as mudanças no regime político sul africano.

Durante o apartheid, a antropologia sul africana estava dividida, inclusive em diferentes associações, entre a tradição Afrikaans, Volkekund, (Sharp, 1980; 1981) e a antropologia social de ascendência britânica. A primeira, liderada por P.J Coertze, era compreendida como intimamente próxima ao regime do apartheid e ao nacionalismo *afrikans*, defendia uma autoproclamada *ethnos theory* (Gordon, 1988) reivindicando uma identidade primordial para os grupos nacionais sul africanos (Kuper, 1999, p.160). E outro, de matriz britânica e liberal, subfinanciada, com poucos antropólogos que seguiam seus trabalhos com forte sentido de solidariedade e eram cobrados pelas tendências de oposição a tomarem suas responsabilidades na luta contra o apartheid (Kiernan, 1997, p.55). Importante destacar essa compreensão de luta entre campos opostos é contestada tanto pela existência, na África do Sul, de uma crítica desconstrucionista, com viés político radical, sobre a Antropologia e seu status epistemológico e conceitual (Cf. Magubane, 1985; Mafeje, 1998)²⁷, como por novas pesquisas que complexificam tal oposição evidenciando trânsitos, rupturas e ambiguidades entre os acadêmicos (Cf. Van Wik & Pieterse, 2022).

Em uma das polêmicas mais intensas na antropologia dos anos 1990, Nancy Scheper-Hughes (1995) advogou a favor de uma objetividade antropológica que priorizasse a ética e se vinculasse à militância usando

²⁷ Anjuli Webster (2018) apresentou uma aplicação das críticas de Mafeje a história do próprio departamento da Universidade de Witwatersrand defendendo a influência de um campo social intelectual branco e liberal, de origem europeia, que silenciou tradições críticas africanas no pensamento político social.

o contexto sul africano. Ela criticou, após uma estadia de um ano na Universidade de Cape Town, uma suposta postura apática dos antropólogos brancos durante a transição democrática da África do Sul, mantendo uma cultura “palaciana de chá da tarde” enquanto as periferias sul africanas ardiam em violentos conflitos políticos. Nesse artigo, o assassinato de Webster aparece como um símbolo da “terrível realidade social e política sul africana” que pressionava antropólogos a saírem da África do Sul ou justificarem seu não envolvimento, “uma decisão difícil, marcada por compromissos necessários para a sobrevivência.”²⁸ (1995, p. 415).

Em 1997, Jim Kiernan refletiu as figuras de David Webster e de David Hammond-Tooke como casos simbólicos dos desafios e constrangimentos que o apartheid impôs à antropologia. Este, com sua abordagem analítica e afinidades estruturalistas, buscava encontrar um fundamento cognitivo comum para as contradições da experiência humana. Em contraste, Webster era um profissional comprometido com a luta moral, sendo chamado a se posicionar diante de uma realidade marcada por ideologias opostas e em constante conflito (1997, p. 57). Diferente de Scheper-Hughes, Kiernan busca uma saída de meio termo para oposição entre antropologia e militância. Para ele, tanto a antropologia que não se propunha assumir uma preponderância militante quanto a antropologia praticada por ativista como Webster, estavam pressionadas e limitadas pelo apartheid e era necessário pensar uma antropologia com compromissos, mas que não abandonasse suas vocações analíticas.

Fundamental destacar que em meio ao apartheid e a um contexto internacional de crescente auto reflexividade disciplinar, a tradição liberal, majoritariamente branca, da antropologia social sul-africana passou a ser alvo de críticas contundentes, tanto a partir de perspectivas marxistas centradas na noção de classe quanto por meio da recuperação de tradições intelectuais africanas. Archie Mafeje e Bernard Magubane figuram como expressões centrais dessa crítica radical, simultaneamente política e epistemológica, dirigida à antropologia sul-africana em seu conjunto. Para ambos, tanto a *volkekunde* quanto o funcionalismo britânico deveriam ser submetidos a uma crítica profunda, visando sua transformação, desconstrução ou mesmo superação, reconhecendo o papel dos antropólogos sul africanos como parte do colonialismo interno na África do Sul (Mafeje, 1998b, p. 99). Bernard Magubane (1971) toma a produção do Rhodes-Livingstone Institute (RLI)²⁹ como caso exemplar para sustentar uma crítica mais ampla à antropologia enquanto empreendimento colonial. O alvo central de sua crítica é ao uso de categorias analíticas que, segundo ele, reproduzem a lógica epistemológica do colonialismo. Em particular, Magubane argumenta que conceitos como o de “tribalismo” operam como

28 O artigo de Scheper-Hughes foi duramente criticado e grande parte dos comentários em oposição a eles foram publicados no mesmo volume da *Current Anthropology* (Scheper-Hughes, 1995, p. 420-438). Destacamos a crítica de Adam Kuper que afirmou que Scheper-Hughes criava uma caricatura de seus colegas da UCT e que os exemplos etnográficos usados por ela eram situações muito mais fáceis de se identificar a “coisa certa a se fazer” do que outras situações mais complexas descritas por antropólogos. A crítica da antropóloga e ativista negra Mamphele Ramphele (1996) foi ainda mais dura, acusando Scheper-Hughes de exibicionismo moral e de ignorar uma longa tradição da antropologia sul africana que se dedicava ao cotidiano da vida dos oprimidos.

29 O RLI ocupou um lugar central na renovação da antropologia britânica na África ao privilegiar o trabalho de campo intensivo e a análise de processos sociais inscritos no colonialismo e no que eles chamaram de “transformação social”. Para além de seu impacto teórico-metodológico, o instituto foi decisivo para a formação e circulação de pesquisadores referências da antropologia sul-africana, tendo acolhido figuras como Max Gluckman, Monica Wilson e Godfrey Wilson, entre outros. Como argumenta Lyn Schumaker em *Africanizing Anthropology* (2001), o conhecimento produzido no âmbito do RLI resultou de colaborações entre antropólogos, informantes e assistentes de pesquisa africanos, constituindo uma das bases empíricas e intelectuais do que posteriormente ficaria conhecido como Escola de Manchester. A crítica formulada por Bernard Magubane e Archie Mafeje ao RLI é relevante para este artigo na medida em que toma essa tradição antropológica consolidada, da qual certamente David Webster foi próximo e que geralmente é reivindicada como contestadora do colonialismo, como expressão de uma antropologia ainda marcada por fundamentos coloniais, lida não como ruptura, mas como continuidade no interior da disciplina.

dispositivos de primitivização, ao naturalizar hierarquias coloniais e apresentar as sociedades africanas como presas a formas sociais arcaicas, desconectadas das relações históricas de exploração, dominação e economia política impostas pelo colonialismo

A trajetória de Archie Mafeje é emblemática das contradições entre engajamento político, estrutura racial da universidade e limites da antropologia liberal no contexto sul-africano. Militante do Non-European Unity Movement, Mafeje transitou da biologia para as ciências sociais no início da década de 1960 e colaborou com Monica Wilson em pesquisas que resultaram no estudo *Langa* (1963). Embora essa experiência tenha marcado o início de sua trajetória como antropólogo, ela também constituiu uma experiência sobre as dificuldades de incorporar, na escrita e na pesquisa antropológica, as vozes e experiências políticas de interlocutores negros. (Nyoka, 2020). No exílio, Mafeje aprofundou sua crítica à antropologia, atacando a alteridade como um construto epistêmico que sustentava a inferiorização intelectual do africano e propondo, sem negar a prática etnográfica, o “fim da antropologia” enquanto disciplina fundada na diferença colonial.

No artigo “Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa” (Borges et al, 2015), os/as autores/as destacam que a rejeição de Mafeje à noção de alteridade deve ser compreendida como parte de uma crítica mais ampla às formas pelas quais a antropologia se constituiu como saber autorizado no interior de estruturas coloniais e raciais específicas, participando ativamente do que ele próprio qualificou como colonialismo interno. Nesse sentido, mostram como a obra de Mafeje articulou etnografia, história e teoria social em um esforço sistemático de desmontagem das categorias exógenas, de matriz colonial, que sustentaram tanto o apartheid quanto as tradições liberais e funcionalistas da antropologia sul-africana.

David Webster, decididamente, não pode ser incorporado a essa vertente mais radical de crítica epistemológica à antropologia. Ainda que, em certos momentos de sua trajetória, tenha manifestado ceticismo quanto à validade ética da disciplina no contexto sul-africano, sobretudo diante das condições impostas pelo apartheid. Webster não propôs a superação da antropologia enquanto campo de saber, nem aderiu a projetos explicitamente desconstrucionistas como os de Archie Mafeje ou Bernard Magubane. Essa posição torna-se particularmente visível em seu último artigo, “Abafazi Bathonga Bafihlakala: Ethnicity and gender in a KwaZulu border Community” (1991), no qual busca resolver um “puzzle de etnicidade” a partir de uma situação empírica localizada. O artigo analisa uma comunidade de fronteira com Moçambique na qual mulheres tendiam a se identificar como Tsonga, enquanto homens se apresentavam como Zulu, desafiando leituras essencialistas da etnicidade. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma homenagem explícita a Philip e Iona Mayer, cuja influência Webster procura reafirmar na antropologia sul-africana. Essa escolha não é fortuita: os Mayer haviam sido alvo de críticas severas por parte de Mafeje e Magubane. Ao reinscrever seus trabalhos como referências válidas, Webster se posiciona de forma a não se desvencilhar dessa linhagem antropológica e parece se posicionar não na desconstrução da disciplina, mas em sua reforma analítica a partir de situações concretas.

Nesse sentido, o esforço de Webster pode ser lido como uma resposta situada à questão formulada por John Sharp em “Can we study ethnicity?” (1980). Ao recusar explicações baseadas em grupos étnicos tomados como unidades dadas e ao enfatizar a plasticidade e sentidos políticos da etnicidade, Webster se aproxima das críticas à reificação da etnicidade, sem, contudo, romper com o vocabulário e a tradição da antropologia de ascendência britânica. Sua trajetória intelectual expressa, assim, uma

posição intermediária: sensível às críticas radicais à antropologia, mas ainda comprometida com a possibilidade de reformar a disciplina a partir de seus próprios recursos analíticos.

Considerações finais

Não saberemos como Webster teria se relacionado com a antropologia pós-apartheid. Mesmo politicamente não há muita certeza:

Poderia David ter prosseguido nestas vias de forma a contribuir ainda mais para a revitalização da antropologia na África do Sul ou em Moçambique? Ou será que poderia ter vindo a assumir um lugar de destaque nas estruturas do CNA? Nesse caso, teria acabado por se desiludir – ou mesmo se afastado – por causa da erosão gradual da tradição não racial do CNA no período após 1999, no regime pós-Mandela? Talvez, por outro lado, tivesse regressado à antropologia mais uma vez, alimentando tradições críticas e de debate, (...), tornando-se um intelectual público no verdadeiro sentido da expressão? (James, 2009, p. 437)

Não é nosso objetivo definir respostas para nenhuma dessas possibilidades. No entanto, neste artigo, percorremos algumas pistas sobre a trajetória de David Webster e sua produção antropológica que sugerem a possibilidade de assumir a dualidade sob o signo da adição e não da subtração. Não porque consideramos que Webster estava íntegro, harmonioso e consciente nas suas duas lealdades: ativismo e antropologia. Mas sim, porque consideramos que a aproximação e distanciamento de diferentes formas de engajamento são constitutivos da própria antropologia. Nesse sentido, no caso de Webster entendemos que um campo informava o outro, ainda que por vezes de forma tensa e dramática.

Existem outras temáticas que envolvem novas contradições e tensões que este artigo não abordou detidamente e deverão ser analisadas futuramente. Como o significado de radicalismo, adotado por historiadores e cientistas sociais na Wits University que foi criticada como uma “tradição radical branca” (Worger, 1991); a proximidade de Webster com o ANC que implicava em posições nos inúmeros conflitos existentes com o PAC; o quanto Webster se aproximava do que ficou conhecido como neomarxismo sul africano (Dubbed, 2019); se a virada marxista nas ciências sociais africanas configurou ou não uma forma de desvio frente ao problema racial (Webster, 2018), ou mesmo como ele efetivamente conciliou suas pesquisas com o intenso ativismo político que praticava. No momento, o que queremos destacar é a impossibilidade de se pensar a antropologia e a atuação de antropólogos na África do Sul dissociadas de uma análise interseccionada com história política, uma vez que o trabalho concreto de profissionais como Webster estava absolutamente informado pelos condicionantes do apartheid e da luta contra ele.

Morreira (2016), partindo de sua própria trajetória familiar vinculada à história colonial do Kariba, revisita a etnografia de Elizabeth Colson para mostrar como a antropologia produzida no Rhodes-Livingstone Institute esteve simultaneamente implicada nas estruturas coloniais e engajada na crítica aos seus efeitos sociais, defendendo uma leitura histórica que recusa tanto a absolvição quanto a condenação retrospectiva da disciplina. O que o presente artigo buscou sugerir é que eventualmente antropólogos estavam relativamente cientes das ambiguidades de sua própria disciplina e que buscaram resposta para se engajarem de forma que as vezes se viam mais praticantes do campo disciplinar e às vezes menos. Resolver essa tensão não era fácil

para os antropólogos no contexto de fim do apartheid e não o é para aqueles novos pesquisadores que buscam inspiração, ao mesmo tempo que realizam reavaliações e atualizações críticas de nossos antecessores.

Não suficiente, achamos fundamental destacar que a contribuição teórica dada por Webster em sua pesquisa sobre os chopes possui também uma importância política em si mesma. Em um momento em que a agência dos indivíduos africanos ocupava lugar secundário nas análises antropológicas, Webster enfatizou essa dimensão, construindo, como vimos, uma importante teoria sobre o papel ativo e diferenciado de líderes na conformação do que denominou como “sociedade chope”. Se hoje dificilmente conseguimos afirmar que haja uma coletividade chope a qual chamar de sociedade, não restam dúvidas acerca da existência e efetividade de vários dos elementos da estrutura social tal como descrita por ele.

Ao chegarmos ao fim deste artigo, nossa hipótese é a de que a abordagem de Webster sobre indivíduo e liderança entre os chopes foram fundamentais tanto em seus estudos posteriores quanto em sua atuação política na África do Sul. Além disso, o antropólogo parece ter antecipado o lugar que esses indivíduos chopes ocupariam na formação da nação moçambicana pós 1975, quando muitos ocuparam lugar de destaque em diferentes governos da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique). Parece ter antecipado também a excepcionalidade da música das *timbila*, que alcançou tanto um lugar central na construção da nação moçambicana, como um status de Patrimônio da Humanidade na Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

João De Regina Cassalho é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e financiado com bolsa Fapesp Processo 2022/08515-9.

Sara Morais é doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e Professora do Departamento de Antropologia nesta mesma universidade.

AGRADECIMENTOS

sAfrican History Archive (SAHA), na pessoa de Gabriele Mohale, pela permissão de acesso e orientação sobre as coleções; à linha Historiografia da Antropologia, coordenada por Luís Felipe Bueno Sobral; a Omar Ribeiro Thomaz; e aos pareceristas anônimos da revista.

REFERÊNCIAS

- Bank, A. (2016). *Pioneers of the field: South Africa's women anthropologists*. Cambridge University Press.
- Bank, A., & Bank, L. J. (Eds.). (2013). *Inside African Anthropology: Monica Wilson and her Interpreters*. Cambridge University Press.
- Basques, M. (2022). Vozes negras na antropologia: Breve história de um projeto antirracista. *Novos Debates*, v. 8, n. 2, E8208. <https://doi.org/10.48006/2358-0097/V8N2.E8208>
- Borges, A., Costa, A. C., Couto, G. B., Cirne, M., Lima, N. de A. e., Viana, T., & Paterniani, S. Z. (2015). Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa. *Sociedade E Estado*, 30(2), 347–369. <https://doi.org/10.1590/S0102-699220150002000005>
- Bošković, A. (2021). *William Robertson Smith*. Anthropology's Ancestors (Vol. 2). Berghahn.
- Buntman, B. (2013) Memorialising David Webster. *South African Historical Journal*, v. 65, n. 3, p. 421-443. <https://doi.org/10.1080/02582473.2013.795993>
- Corrêa, M. (2003). *Antropólogas & antropologia*. Editora da UFMG.
- Copans, J. (1989). David Webster (1945-1989). Un anthropologue. Un militant. *Politique africaine*, 36, 109-110. Disponível em https://www.persee.fr/doc/polaf_0244-7827_1989_num_36_1_5328. Acesso em 30 de março de 2025.
- Dias, L. de O. (2022). Circuitos antropológicos: Por uma Antropologia Negra no Brasil. *Novos Debates*, 7(2). <https://doi.org/10.48006/2358-0097-7216>
- Dladla, N. (2017). Contested memory: retrieving the Africanist (liberatory) conception of non-racialism. *Theoria*, 64(153), 101-127.
- Dubbeld, B. (2019). After revisionist Marxism: reanimating the critique of capitalism in South African studies. *Transformation: Critical Perspectives on Southern Africa*, 100(1), 128-152.
- Ellis, S. (1994). Of elephants and men: politics and nature conservation in South Africa. *Journal of Southern African Studies*, 20(1), 53-69.
- Evans, G. (1989, May 5). Was Webster a victim of the hunger strike success? *Weekly Mail*.
- Farré, Albert. (2015). Assimilados, régulos, Homens Novos, moçambicanos genuínos: a persistência da exclusão em Moçambique. *Anuário Antropológico*, n. II, 199-229. <https://doi.org/10.4000/aa.1443>

- Frederikse, J. (1998) David Webster. *They Fought for Freedom: Series Editor John Pampallis*.
- Fry, P. (1992). Anthropology in southern Africa. *Current Anthropology*, 33(2), 230-231.
<https://doi.org/10.1086/204060>
- Geffray, Christian. (1991). *A Causa das Armas: Antropologia da Guerra Contemporânea em Moçambique*. Portugal: Afrontamento.
- Hammond-Tooke, D. (1989). David Joseph Webster: 19.12.1945–1.5.1989. *African Studies*, 48(1), 83-85. <https://doi.org/10.1080/00020188908707703>. Acesso em 30 de março de 2025.
- Hammond-Tooke, W. D. (1997). *Imperfect Interpreters: South Africa's Anthropologists, 1920-1990*. Witwatersrand University Press.
- Hendrick, Fred. (2008). The Mafeje affair: the University of Cape Town and apartheid. *African Studies*, v. 67, n. 3, p. 423-451.
- James, D. (2009). Posfácio. In *A sociedade Chope: Indivíduo e aliança no sul de Moçambique 1969-1976* (pp. 429-440). Edição de João de Pina-Cabral. ICS, Imprensa de Ciências Sociais.
- James, Débora. (2011). David J. Webster, A Sociedade Chope: Indivíduo e Aliança no Sul de Moçambique (1969-1976). *Etnográfica*, vol. 15 (2), 403-404.
- Jopela, Valdemiro. (2006). *Para uma caracterização da poesia oral nas timbila dos Vachopi e alguns aspectos do contributo português (1940-2005)*. Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Departamento de Literaturas Germânicas.
- Kiernan, J. (1997). David in the path of Goliath: Anthropology in the shadow of apartheid. *African Studies*, 56(2), 53-8. <https://doi.org/10.1080/00020189708707868>
- Kuper, Adam. (1999). South African Anthropology: An inside Job. In: KUPER, Adam. *Among the anthropologists: history and context in anthropology*. The Atlone Press.
- Lamphere, L. (2004). Unofficial Histories: A Vision of Anthropology from the Margins. *American Anthropologist*, 106(1), 126–139. <https://doi.org/10.1525/aa.2004.106.1.126>
- Leach, Edmund. (2001) Repensando a antropologia. 2. ed. Perspectiva.
- Lodge, T. (2015). Secrets and lives: South African political biography. *Journal of Southern African Studies*, 41(3), 687-697.
<https://doi.org/10.1080/03057070.2015.1026204>.
- Macagno, Lorenzo (2025). David J. Webster em Moçambique: epistolário mínimo (1971-1979).

Etnográfica, vol. 29 (1), 135-155. <https://doi.org/10.4000/13fpk>.

Magubane, Bernard. (1971). A critical look at the indices used in the study of social change in colonial Africa. *Current Anthropology* 12 (4/5): 419–45. <http://www.jstor.org/stable/2740927>.

Manica, Daniela; Kofes, Suely. (2015) *Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Lamparina.

Mafeje, Archie. (1971) The ideology of ‘tribalism’. *The journal of modern African studies*, v. 9, n. 2, p. 253-261.

Mafeje, A. (1998). Anthropology and independent Africans: Suicide or end of an era?. *African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie*, 1-43.

Mafeje, A. (1998b). Conversations and Confrontations with my Reviewers. *African Sociological Review / Revue Africaine de Sociologie*, 2(2), 95–107. <http://www.jstor.org/stable/24487433>

Mandani, M. (1996). *Citizen and Subject*. Princeton University Press.

Mayer, A. C. (1987) A importância dos “quase-grupos” no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. Equipe Global.

Ntsebeza, L. (2014). The Mafeje and the UCT saga: unfinished business?. *Social Dynamics*, 40(2), 274-288.

Nyoka, Bongani. (2020). *The social and political thought of Archie Mafeje*. Wits University Press, 2020.

Pauw, J. (2017). *Into the heart of darkness: Confessions of apartheid’s assassins*. Jonathan Ball Publishers.

Pina-Cabral, J. (2022). Anthropology’s ancestors: A review essay on a new Berghahn collection. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 19, e19605. <https://doi.org/10.1590/1809-43412022v19e605>

Pina-Cabral. (2009). Prefácio do editor. In Webster, D. *A sociedade Chope: Indivíduo e aliança no sul de Moçambique 1969-1976*. ICS, Imprensa de Ciências Sociais.

Pina-Cabral, J. (2008). History of anthropology and personal biography. *Anthropology Today*, 24(6), 26–27. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8322.2008.00633.x>

Ramphela, M. (1996). “How ethical are the ethics of this militant anthropologist?”. *Social Dynamics*, 22(1), 1–4. <https://doi.org/10.1080/02533959608458597>

- Rassool, Ciraj. (2010). Rethinking documentary history and South African political biography. *South African Review of Sociology*, v. 41, n. 1, p. 28-55.
- Rheubottom, D. (1989). Letter to Friedman. *David Webster Papers*, Historical Papers Research Archive. William Cullen Library, University of Witwatersrand. Joanesburgo.
- Rosa, M. (2009). Espectros de Mamdani: desafios de uma sociologia da vida política rural na África do Sul contemporânea. *Estudos de Sociologia*, 15(2), 69-91.
- Shakinovsky, T., & Court, S. (2018). *The knock on the door: The story of the Detainees' Parents Support Committee* (Kindle ed.). Picador Africa.
- Sharp J. (1980). Can we study ethnicity? A critique of fields of study in South African anthropology. *Soc. Dyn.* 6(1): 1-16. <https://doi.org/10.1080/02533958008458265>.
- Sharp J. (1981). The roots and development of Volkekunde in South Africa. 1. S. *African Studies*. 8(1): 16-36. <https://doi.org/10.1080/03057078108708032>.
- Scheper-Hughes, N. (1995). The primacy of the ethical: Propositions for a militant anthropology. *Current Anthropology*, 36(3), 409-440. <https://doi.org/10.1086/204378>.
- Schiller, B. (1989, May 7). 10000 mourners take to streets at apartheid activist's funeral. *The Sunday Star*.
- Schumaker, Lyn. (2001). *Africanising anthropology: Fieldwork, networks, and the making of cultural knowledge in Central Africa*. Duke University Press.
- Suttner, R. (2012). Understanding non-racialism as an emancipatory concept in South Africa. *Theoria*, 59(130), 22-41.
- Thomaz, Omar Ribeiro. (2012). Lobolo e trabalho migratório: reprodução familiar e aventura no sul de Moçambique. In Trajano Filho, W. (org.). *Travessias antropológicas: estudos em contextos africanos*. ABA Publicações.
- Tracey, H. (1948/1970). *Chopi Musicians. Their Music, Poetry, and Instruments*. Oxford University Press/International African Institute.
- Tracey, Hugh. (1949/2021). *Gentes Afortunadas: A Música Chope*. Kulungwana.
- Turner, Richard. (1978). *The Eye of the Needle: Toward Participatory Democracy in South Africa*. Reprint ed. Maryknoll, NY: Orbis Books.
- Van Kessel, I. (2000). *Beyond our wildest dreams: The United Democratic Front and the transformation*

of *South Africa*. University of Virginia Press.

Van Wyk, I., & Pieterse, J. (2022). *Nationalism, Politics and Anthropology: A Tale of Two South Africans*. African Books Collective.

Venancio, V., & Lima, J. C. (2021). O Problema I: “Nada será como antes, amanhã”: Antropólogos negros/os movendo a Antropologia Brasileira. *Novos Debates*, 7(2). <https://doi.org/10.48006/2358-0097-7221>

Webster, A. (2018). On conquest and anthropology in South Africa. *South African Journal on Human Rights*, v. 34, n. 3, p. 398-414. <https://doi.org/10.1080/02587203.2018.1543840>

Webster, D. (1973a). Chopi Musicians. Hugh Tracey. *African Studies*, 32 (1).

Webster, D. (1973b) Chopi Classificatory Kinship Terminology: Formal Analysis and the Sociology of Knowledge: A Synthetic Approach’. *Sociology Southern Africa* 293–324. 1973.

Webster, D. (1975a). *Kinship and Cooperation: Agnation, Alternative Structures and the Individual in Chopi Society*. PhD dissertation’. Grahamstown: Rhodes University.

Webster, D. (1975b). The Origins of Migrant Labour, Colonialism and the Underdevelopment of Southern Mozambique’, in P.L. Bonner (ed), *Collected Seminar Papers of the African Studies Institute*: University of the Witwatersrand: 236–79.

Webster, D. (1977). Spreading the Risk: The Principle of Laterality in Chopi Society. *Africa* n° 47:192–207.

Webster, D. (1978). Migrant Labour, Social Formations, and the Proletarianisation of the Chopi of Southern Mozambique. *African Perspectives*, Leiden 1:151–74.

Webster, D. (1979a). From Peasant to Proletarian: The Development/Underdevelopment Debate in South Africa. *Africa Perspective* 13:1–15. 1979a.

Webster, D. (1979b). The Political Economy of Survival: The Unemployment Crisis and Informal Income Opportunities in Soweto’. *Work in Progress* 57–64.

Webster, D. (1981a). The Politics of Instability: Divorce and Ephemeral Alliance Among the Chopi, in J. L. Comaroff and E. J. Krige, *Essays on African Marriage in Southern Africa*. Juta.

Webster, D. (1981b) “The Political Economy of Food Production and Nutrition in Southern Africa in Historical Perspective”. *Critical Health* 6.

Webster, D. (1983a). Capital, Class and Consumption: The Social History of Tuberculosis in South Africa. *Consumption in the Land of Plenty*. Cape Town: University of Cape Town Medical School.

- Webster, D. (1983b). The Restructuring of Reproduction: Housing, Health and Education'. New Facades, Old Foundations: *South African Review* 1. Johannesburg: Ravan Press.
- Webster, D. (1984). The Reproduction of Labour Power and the Struggle for Survival in Soweto'. Carnegie Conference Paper (20):1– 13, *Second Carnegie Inquiry into Poverty and Development in Southern Africa*. Cape Town. SALDRU, UCT.
- Webster, D. 1986a. Tembe-Thonga Kinship: The Marriage of Anthropology and History (Le système de parenté tembe-thonga: les noces de l'histoire et de l'anthropologie). *Cahiers d'études africaines*, p. 611-632.
- Webster, D. (1986b). The Family, Poverty and Survival Strategies in Soweto. Mimeo, *Historical Papers*, William Cullen Library, University of the Witwatersrand, Johannesburg.
- Webster, D. (1991) Abafazi Bathonga Bafihlakala: Ethnicity and Gender in a KwaZulu Border Community', in A.D. Spiegel and P. McAllister (eds), *Tradition and Transition in Southern Africa African Studies* (Special Issue), 50 1 & 2.
- Webster, D. (2009). *A Sociedade Choje: Indivíduo e aliança no Sul de Moçambique (1969-1976)*. ICS, Imprensa de Ciências Sociais.
- Webster, G. (2009). *David Webster: A fearless defence of legality and due process?* Ensaio. The Glenda Webster Collection (AL3301). South African History Archive (SAHA).
- Worger, W. H. (1991). White Radical History in South Africa. *South African Historical Journal*, 24(1), 145–153. <https://doi.org/10.1080/02582479108671691>
- Worsley, P. (1989, May 3). David Webster: The arm of injustice. *The Guardian (British)*

ENTRE A VIDA E A MORTE: DAVID WEBSTER (1945-1989), ATIVISMO E ANTROPOLOGIA NA ÁFRICA AUSTRAL

Resumo: Este artigo examina a trajetória e a produção do antropólogo e ativista sul-africano David Webster, destacando as tensões entre prática antropológica e engajamento político no contexto da resistência ao apartheid. Cada vez mais reconhecido por sua atuação na defesa de presos políticos, em sua maioria negros e mantidos sem julgamento, Webster foi assassinado em 1989 por um integrante de um grupo paramilitar ligado à repressão estatal. Sua morte, ocorrida nos anos finais do regime, desencadeou debates sobre a posição social e política de antropólogos brancos, os privilégios acadêmicos raciais e os dilemas éticos implicados na disciplina. A partir de uma abordagem que combina elementos biográficos, análise das repercussões de seu assassinato e da avaliação de sua tese de doutorado, publicada postumamente em português, o artigo examina como sua trajetória foi interpretada na comunidade antropológica e por que sua obra segue relevante para a compreensão de questões contemporâneas sobre os chopos. Argumenta-se que a reavaliação de Webster contribui para a história da antropologia ao iluminar episódios críticos frequentemente marginalizados, bem como para debates atuais, especialmente em pesquisas no sul de Moçambique, onde ressurgiu sua relevância.

Palavras-Chaves: África Austral; Apartheid; História da Antropologia; Ativismo Político; David Webster

BETWEEN LIFE AND DEATH: DAVID WEBSTER (1945–1989), ACTIVISM AND ANTHROPOLOGY IN SOUTHERN AFRICA

Abstract: This article examines the trajectory and intellectual production of South African anthropologist and activist David Webster, highlighting the tensions between anthropological practice and political engagement in the context of resistance to apartheid. Increasingly recognized for his role in defending political detainees, most of whom were Black and held without trial, Webster was assassinated in 1989 by a member of a paramilitary group linked to state repression. His death, occurring in the final years of the regime, sparked debates about the social and political positioning of white anthropologists, racialized academic privilege, and the ethical dilemmas embedded within the discipline. Combining biographical analysis, an examination of the repercussions of his assassination, and an assessment of his doctoral thesis published posthumously in Portuguese, the article explores how Webster's trajectory has been interpreted within the anthropological community and why his work remains relevant for understanding contemporary issues concerning the Chopi. It argues that revisiting Webster's career contributes to the history of anthropology by illuminating critical episodes often marginalized in the field, while also engaging current debates, particularly in research conducted in southern Mozambique, where the significance of his work has re-emerged.

Keywords: Southern Africa; Apartheid; History of Anthropology; Political Activism; David Webster.

ENTRE LA VIDA Y LA MUERTE: DAVID WEBSTER (1945-1989), ACTIVISMO Y ANTROPOLOGÍA EN ÁFRICA AUSTRAL

Resumen: Este artículo examina la trayectoria y la producción intelectual del antropólogo y activista sudafricano David Webster, destacando las tensiones entre la práctica antropológica y el compromiso político en el contexto de la resistencia al apartheid. Cada vez más reconocido por su actuación en la defensa de presos políticos, en su mayoría negros y detenidos sin juicio, Webster fue asesinado en 1989 por un integrante de un grupo paramilitar vinculado a la represión estatal. Su muerte, ocurrida en los años finales del régimen, desencadenó debates sobre la posición social y política de los antropólogos blancos, los privilegios académicos racializados y los dilemas éticos implicados en la disciplina. A partir de una aproximación que combina análisis biográfico, el examen de las repercusiones de su asesinato y la evaluación de su tesis doctoral publicada póstumamente en portugués, el artículo explora cómo su trayectoria ha sido interpretada en la comunidad antropológica y por qué su obra sigue siendo relevante para la comprensión de problemáticas contemporáneas relacionadas con los chopes. Se argumenta que la reevaluación de Webster contribuye a la historia de la antropología al iluminar episodios críticos frecuentemente marginados en el campo, así como a debates actuales, especialmente en investigaciones realizadas en el sur de Mozambique, donde la relevancia de su trabajo ha resurgido.

Palabras Clave: África Austral; Apartheid; Historia de la Antropología; Activismo Político; David Webster.

SUBMISSÃO: 31/03/2025

APROVAÇÃO: 03/02/2026

PUBLICAÇÃO: 10/04/2026

